414

REVISTA DE CULTURA E PROPAGANDA
ARTE E LITERATURA COLONIAIS

O MUNDO PORTUGUÊS

DIRECTOR: AUGUSTO CUNHA

EDIÇÃO DA AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS E DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

SUMÁRIO

Recordando — Coronel Leite de Magalhães
S. Tomé — Marquês de Lavradio
Ilha do Príncipe — Castro Soromenho
Um poeta negro — * * *
«Tio Mateus» ou a singularidade duma ocupação — Amadeu Cunha
Ossobó — Rui Cinatti V. Monteiro Gomes
Notas de viagem — Silva Bastos (Filho)
Discursos de recepção ao Cruzeiro de Férias:
do Presidente da Câmara Municipal de S. Tomé — Constâncio Vigôço Duarte
do Director do Cruzeiro — Augusto Cunha
do Governador de S. Tomé — Ricardo Vaz Monteiro
do Presidente da Comissão de Recepção na Ilha do Príncipe — Heliodoro Monteiro de Castro
do Director do Cruzeiro — Augusto Cunha
Bibliografia Colonial — Florêncio J. S. Pires

S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Número 30 — Junho de 1936 — Volume III

N.G.
This book is donated

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS
RUA DA PRATA, 34 // LISBOA // TELEFONES 20651 - 20652

//

C [illegible] A
(In [illegible] o)

	6 meses	12 meses
Continente e Ilhas ad[illegible]	17$00	32$00
Colónias Portuguesas	23$00	45$00
Índia, Macau e Timor	25$00	50$00
Estrangeiro . . .	50$00	100$00

NÚMEROS ESPECIAIS

Desta tiragem, em papel Manchester Ledger e couché Chelsea, executaram-se 25 exemplares, numerados e rubricados pelo Director.

Comp. e Impr. - Sociedade Industrial de Tipografia Limitada - Rua Almirante Pessanha, 5 - ao Carmo
L I S B O A

« RECORDANDO »

Setembro de 1926... Estava quási finda a *gravana*, — o tempo delicioso dessa ilha de sonho e maravilha que tem o nome de S. Tomé, em grata homenagem ao miraculoso santo que, naquele memorável dia da descoberta em 21 de Dezembro de 1470, figurava no calendário dos nossos afortunados navegadores.

Ainda o sol se denunciava apenas pelo clarão rubro do céu no oriente distante, e já o *Moçambique* ia aproado à baía de *Ana Chaves*, sôbre um mar de estanho, sobrevoado de gaivotas gritantes e ladeado pelos cardumes ligeiros dos golfinhos.

Sôbre o convés, ainda encharcado pela baldeação da marinhagem, ia crescendo, de momento a momento, a gente que se deitara na ansiedade do romper do dia para o gôzo daquele espectáculo estranho e deslumbrante, que é a mata imensa a galgar das águas para o céu, numa opulência de vida que assombra e numa sugestão de mistério que quási nos oprime.

Era já a quinta vez que meus olhos se espraiavam por aquelas águas, aquelas árvores, aquelas núvens e aqueles cêrros. E, naquele instante como nos demais, eu quedava-me isolado, de cotovelos fincados no talabardão da amurada, a preguntar a mim próprio que impressões teriam colhido João de Santarém e Pedro Escobar ao deparar, na frente das caravelas, aqueles môrros povoados de arvoredos sem fim, vendo os picos altos sobranceiros ao cortinado das núvens, e as trovoadas furibundas rebentando e faiscando por debaixo dos cumes, como se o inferno se abrisse nas encostas, e aqueles arvoredos ciclópicos estivessem defendendo a morada de Satanaz.

Nas praias, nem um homem acorrera ao seu chamamento... Havia apenas a selva impenetrável, a chuva diluviana, o trovão rugidor, o corisco diabólico e os cumes inacessíveis. ¿Que teriam êles pensado? Que terro-

res os haveriam perseguido? Que explicações teriam achado aquelas almas bárbaras para o mistério do vómito infernal que produzira os montes e as florestas no meio das águas, erguendo-se tão alto que as próprias nuvens ficavam poisadas na cópa dos arvoredos?

Do seu pensamento não ficou registo que nos esclareça. E, dos seus pavores (se os sentiram), também não há testemunhos. Mas, de-certo, regressaram ao ponto de partida com os corações a transbordar contentamentos, pois que ali ficara mais um rincão para ser acrescentado à pátria lusitana. E, poucos anos após (1486), seguiria João de Paiva, com a primeira leva de colonos, a devassar os mistérios da terra virgem e das sombras terrificantes, que se vingaram cruelmente do ousio ceifando as vidas que as tinham enfrentado.

Depois...

Enquanto o vapor manobra para lançar ferro entre os esqualos caçadores de carne em sangue, e já o Forte de S. Sebastião e o casario polícromo da cidade estão a ser dardejados pelo sol, parecendo arder, ao nosso espírito vão acudindo todas as lutas da raça contra as sombras e dos homens entre si, num largo decurso de séculos, ao longo dos quais se foram construindo, sôbre covais e ossadas de afoita gente lusa, as povoações e as roças que transformaram os môrros selvagens e as brenhas pérfidas numa obra assombrosa de grandeza e utilidade.

Aos desventurados companheiros de João de Paiva, seguiram-se os colonos de Álvaro Caminha (1493). São brancos e pretos que iniciam a cultura da cana e a exploração das madeiras. Entram os missionários e ergue-se a igreja e o hospital. Vai crescendo a obra da Civilização...

As plantações multiplicam-se. A população aumenta. O homem e a cultura vão dominando a selva. Em 1534, já a igreja era catedral e S. Tomé um bispado.

Certo dia (1540?), um naufrágio arremessa sôbre a colónia um carregamento de 200 angolares, que seguiam para o Brasil. E o povoamento vai crescendo, não obstante a intrigalhada, e os ódios, e as rixas que dentro da colónia imperam e deflagram. É ainda a floresta que se vinga, corrompendo o sangue e os caracteres!

Nada sustém, porém, o crescimento da riqueza... E vemos, então, como ela atrai os corsários, franceses e holandeses. E até a cupidez dos negros desperta ante a riqueza criada: as revoltas dos «angolares» foram tragédias pavorosas de destruïção e de morte.

Aterrados, muitos colonos abandonam as «fazendas» e transferem-se para o Brasil. Mas há outros que ficam presos à terra farta, e, com mais outros que vão chegando, não pára nunca o avanço do homem através do matagal sem fim...

¿Quantos sofrimentos e quantas vidas teria custado aquela rude e brava luta entre o homem e a selva? Sabe-se lá! Mas o que se vê, na obra feita, é que nunca arrefeceu a intrepidez e o entusiasmo da gente doida que por ali andou a semear e a enriquecer os chãos que o sol mal beijava e onde as folhagens apodreciam.

E ainda lhes sobrava o ânimo para folganças, que, durante a noite, com seus ruídos, eram como novos desafios lançados sôbre o silêncio da floresta lúgubre, que suas mãos tenazes constantemente atacavam e irresistìvelmente venciam. Sucedeu até que, num dado momento, houve quem julgasse sacrílega a barulheira dos folguedos ante a brenha muda, cujas sombras apenas convidavam ao repouso e à meditação, e assim se lançou «bando» terrífico à gente da terra, concebido nos seguintes termos:

Luiz Joaquim Lisboa, cavaleiro professo na Ordem de São Bento de Aviz, Sargento-mór de infantaria, agregado à primeira plana da Côrte, Governador das Ilhas de São Tomé, pelo Príncipe Regente Nosso Senhor;

Faço saber a todas as pessoas desta ilha, de qualquer qualidade ou condição que seja, que...

...dentro da cidade se não possa tocar batuques, nem qualquer instrumento rústico que cause detrimento e incómodo ao povo, nem se possam fazer danças ao som de bastões, ou pancadas em paredes, cadeiras ou mesas, ficando desde agora por diante proïbidas todas as

danças rústicas dentro da cidade, depois do toque do rêcolher, e tudo isto debaixo de penas impostas a meu arbítrio.

. . . .

Há finalmente por proibir, debaixo das mais severas penas, todo o toque de instrumentos ou descantes pelas ruas durante a noite, ainda que seja com os mais harmoniosos instrumentos, por serem tais descantes opostos à boa ordem da polícia, que deve reinar na cidade.

. . . .

Foi isto em 14 de Janeiro de 1807. E, naquele tempo, talvez que as pragas rogadas lhe tivessem feito a vida breve...

Mas, neste ano da graça de 1936, faz pena que não apareça nesta linda cidade de Lisboa... um segundo *Lisboa* (e sargento-mór) daquela qualidade para, *debaixo de penas impostas a seu arbítrio*, pôr cobro à barulheira que, dia e noite, nos martela e entontece.

...Naturalmente, cessaram os ruídos, porque as varadas e as galés eram castigo de gelar os maiores devotos da folia. Mas o trabalho gigantesco foi prosseguindo até à conquista dos mais altos cumes, enchendo-se as encostas de cacaueiros, cafeseiros, quineiras, árvores frutíferas e flôres de tôda a espécie, num misto de beleza e de riqueza que é um encanto para todos os olhos e um assombro para todas as almas. São mais de 200 «roças» a atestar as prodigiosas energias da alma e do braço lusitanos.

. . . .

Não cheguei, porém, a acabar as minhas cogitações sôbre a história —ao mesmo tempo trágica e gloriosa—daquele pequeno paraíso, de apenas 1.080 k² de superfície, que a minha vista sondava extasiadamente, desde a espuma branca da praia até ao seu mais alto pico de 2.142 metros, que parecia tocar o céu, porque mão amiga me pousou nos ombros a quebrar-me o encantamento. E, então, fui prevenido de que teriamos almôço na residência do Governador, e um chá na roça *Agua-Izé*. Era Governador o 1.º tenente Junqueira Rato,—inteligência e distinção. Um *gentleman* na mais larga acepção da palavra. Do almôço, ficou-me uma recordação que, de vez em quando, ainda me faz crescer água na bôca. Não

sei por onde se gasta hoje o ilustre marinheiro, que tão galhardamente nos recebeu... e nos encantou. Estava, então, dedicado a uma obra de engrandecimento, que lhe fazia vibrar ao mesmo tempo os nervos e o coração. Dava prazer ouví-lo, na sua fé e no seu entusiasmo, a descrever a série de realizações que em mente concebera e que a vara mágica da sua vontade saberia executar.

...Mas foi mais um sonho que se dissipou! A vida do ultramar é assim, cheia dêstes casos singulares: nas colónias, como no mar, há sempre a surprêsa que afunda as melhores esperanças.

E Junqueira Rato foi também uma «esperança» que naufragou...

Saímos da residência, a meio da tarde, para treparmos, em automóveis e camionetas, pelos caminhos ainda incertos da encosta, até ao «chalet» elegantíssimo da roça *Agua-Izé*, onde o sr. Conde de Sousa e Faro, como administrador da Companhia da Ilha do Príncipe, aguardava os convidados para lhes mostrar a obra surpreendente de organização e de humanitarismo que ali fôra realizada pelo grande agricultor João Maria de Sousa e Almeida, o iniciador da moderna agricultura de S. Tomé. Fez-se a viagem entre sombras, sob copados arvoredos, a cujo abrigo o cacaueiro, de longos frutos alaranjados, e o cafeseiro, de brancas e aromáticas flôres, nos obrigam a pensar, com seu viço e sua riqueza, na imensidade da Providência Divina que tanta delícia e opulência semeou na terra para estimular, numa oferta de promessas tentadoras, o trabalho e a inteligência do homem. Não se depara na floresta de S. Tomé o matiz bizarro das grandes matas equatoriais do Oriente, onde as folhagens de mil côres nos lembram pinceladas de cenógrafo idealista. Mas a sua exuberância basta e sobeja para nos causar assombro; e, sob a sua ramaria alta, não há espírito que não cogite na soma incalculável de dedicações e de canseiras que teriam sido precisas para rasgar e dominar os espaços imensos onde as novas culturas substituiram as hervas e os cipós daninhos.

Na «Agua-Izé», tudo nos foi mostrado: o seu pôrto em *Praia Rei*, onde deságua a *Ribeira Funda*. O seu cais acostável, com potente guindaste. A sua rede ferro-viária, que circula carreando os produtos da «fazenda». As suas enfermarias modelares e a maternidade cheia de fres-

cura, onde o «negro» sente o carinho e a protecção do «branco». E, por todas as encostas, as árvores bem tratadas, pejadas de flores e frutos.

Por fim... o chá. As mãos de fada da Senhora Condessa haviam transformado a sala de jantar na mais encantadora exposição de lindas e perfumadas flôres, por entre as quais as pratas, os cristais e as louças finas eram apenas o complemento do formosíssimo jardim apresentado a nossos olhos. Doçaria da mais preciosa recheava a mesa, quási a confundir-se com as flôres. E, para nada faltar, até os sorrisos de gentilíssimas senhoras alegravam a sala com o seu encantamento.

...Regressámos à cidade já quando o sol descia, como um balão a arder, quási a tocar o oceano. Á beira-mar, nem o mais ligeiro sôpro de brisa. Um calor de fornalha obrigava-nos a pensar nos tormentos do inferno, que devem ser coisa parecida.

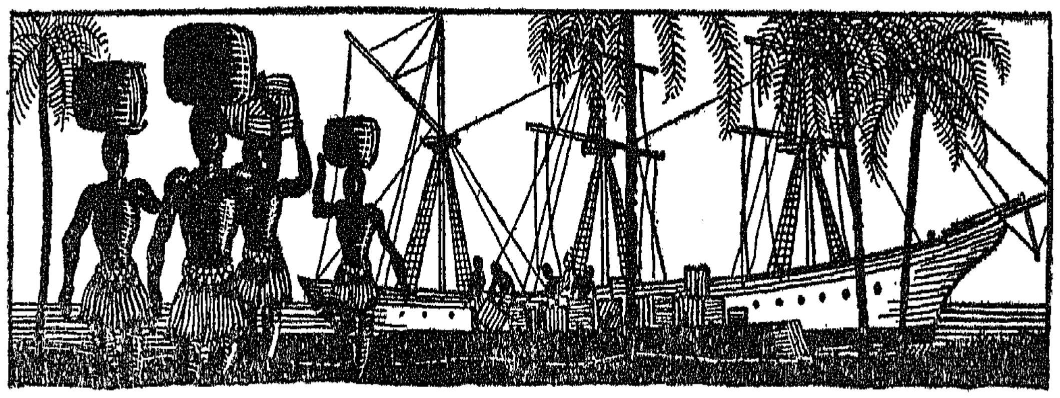
A linha do Equador quási lhe toca as areias da praia. E, em tôda a extensão do planeta, por aquelas latitudes, só gente «negra» foi nascida para a canga do trabalho, consoante a vontade do Senhor.

...E continuei a meditar!

¿Quereis saber em quê?—Nisto apenas: que aquele almôço, aquele chá, aquelas flôres, aqueles frutos, o casario, as estradas, os portos, as redes ferro-viárias, os hospitais, etc., eram o produto do trabalho de dezoito gerações de gente «branca», arrojada pelo mundo na irreprimível ansiedade espiritual de fazer da sua pequena Pátria um grande e glorioso Império.

...E essa «Gente»—fomos Nós!

CORONEL LEITE DE MAGALHÃES



SÃO TOMÉ

Quando em 1896 desembarquei pela primeira vez em S. Tome a cidade estava bem longe de poder ser citada como um modêlo de asseio ou de higiene.

Ruas mal traçadas e pior tratadas, casas na sua maioria de madeira e zinco, estabelecimentos escuros e pouco limpos, tudo lhe dava um aspecto miserável e fazia supôr que provisòriamente ali nos estabeleceramos; os poucos europeus que eram forçados a residir na cidade, com os olhos encovados, as faces esverdeadas, davam razão, com o seu aspecto doentio, à má fama de que gozava o clima da capital da bela ilha do golfo da Guiné.

Em 1935, quando o Cruzeiro de Férias ali desembarcou, fui encontrar o cenário completamente mudado: ruas largas e arejadas, edificações novas e higiénicas, pântanos aterrados haviam transformado o velho burgo e feito desaparecer as faces cadavéricas que se encontravam outróra. Se a cidade, cuja vida depende principalmente das roças, assim se modificara, que progressos iria eu encontrar nas mesmas roças?

O agricultor de S. Tomé foi sempre dotado de iniciativa e audácia, foi êle que, com o seu trabalho e energia, lutando não só com a falta de auxílio do Estado, mas freqüentes vezes com as dificuldades que lhe levantava o poder central, transformou essa ilha numa modelar colónia de plantação.

A primeira cultura experimentada foi a cana sacarina transplantada para ali da Ilha da Madeira; o grande desenvolvimento que essa cultura teve no Brasil aniquilou por completo a agricultura de S. Tomé e Príncipe forçando os colonos a experimentar novas culturas.

Em 1800 o governador Lagos, mandou ir do Brasil sementes de café; a cultura desenvolveu-se ràpidamente, a produção, devido à fertilidade do solo

compensou largamente a iniciativa, a qualidade premiou os agricultores e o café das duas ilhas em breve as tornou famosas.

Em 1822, foi introduzida a cultura de cacau, que devido a iniciativas particulares se estendeu pelas duas ilhas dando-lhes o 1.º lugar nas colónias de plantação de tôda a costa africana.

Hoje o agricultor de S. Tomé, lutando sempre, renova as suas plantações, melhora dia a dia as suas instalações, educa e trata os serviçais, protege-lhes os filhos e continua a demonstrar que Cadbury se não enganou chamando a S. Tomé a mais rica colónia do mundo.

Duzentos e setenta e dois quilómetros de estradas, seiscentos e setenta e seis quilómetros de Decauville nas roças, cortam a ilha em todas as direcções assegurando as comunicações entre os pontos mais distantes e facilitando, numa curta estadia, uma visita às roças principais.

Água-Izé, Rio de Ouro, Monte Café, Boa Entrada, Trás-os-Montes, Diogo Vaz, etc., etc., são pequenas vilas disseminadas pela ilha, com as suas oficinas, forjas e fundições, hangares e armazéns e onde não faltam nem os hospitais modelares, nem as sanzalas higiénicas, nem os jardins de recreio.

São centros de instrução onde o preto se civiliza, encontra confôrto, aprende a trabalhar e vive feliz.

A assistência médica é certamente um dos mais interessantes aspectos de colonização de S. Tomé.

Quarenta hospitais particulares, pertença das roças, dirigidas por clínicos abalisados que diàriamente visitam os doentes, com enfermeiros diplomados, com pavilhões separados para doenças infecciosas, salas para curativos, farmácias abastecidas com todas as especialidades que possam ser utilizadas, laboratórios onde não faltam autoclaves para a esterilização de empolas de quinino, salas para operações, provam o cuidado especial que ao proprietário tem merecido a saúde e vida dos seus serviçais.

Não esqueceram os proprietários os cuidados de maternidade, e ali se encontram os pavilhões em que junto a cada cama se vê um berço coberto com mosquiteiro. Ali dão entrada as mulheres grávidas 30 dias antes do parto, ali se conservam 30 dias depois, e nos 6 meses seguintes não se lhes exigem senão trabalhos leves e sempre debaixo de cobertura.

Qual a nação colonial que tem nas suas colónias assistência ao indígena comparável com a existente em S. Tomé?

Infelizmente nestes últimos anos o agricultor de S. Tomé tem tido de lutar principalmente contra dois grandes males: a doença dos cacaueiros, a baixa de preço dos seus produtos.

Foi em 1918 que se começaram a sentir os estragos duma violenta epidemia de «rubrocincta» que despovoou fortemente as plantações de cacau de tôda a ilha, fazendo descer a produção de 31.543.530 quilos em 1916 para 12.074.651 quilos em 1918, e a exportação que chegara a atingir 2 milhões de libras descia para cêrca de 600.000.

Para combater o mal que seria a ruína completa da ilha de S. Tomé não se pouparam os proprietários a esforços, recorreram a agrónomos nacionais dos mais cotados e estrangeiros especializados na cultura do cacau, replantaram as suas roças e lançaram-se numa nova exploração — extracção de óleo de palma — e hoje, embora lentamente, o crescimento das colheitas começa a compensar os sacrifícios feitos.

Um terceiro mal persegue os agricultores de S. Tomé: a falta de braços.

Colónia essencialmente agrícola, as suas culturas necessitam de grande número de braços que substituam aqueles que as leis mandam repatriar.

Êsses braços só se podem encontrar por contratos nas outras colónias, urge dar à ilha os meios necessários para que a agricultura não morra e não se perca o trabalho de tantas dezenas de anos e o enorme capital ali empregado.

MARQUÊS DE LAVRADIO

ILHA
DO PRÍNCIPE

Mar sereno. O mundo, todo o mundo é azul em redor de mim. Azul o céu imenso e azul o mar profundo.

Navega o barco no Atlântico, rumo ao Continente Africano — caminho aberto ao destino dos homens aventureiros...

O barco deixa atrás de sua jornada longa estrada branca, ferida rasgada, a sangrar, por vigorosa hélice.

Seu sangue é branco de neve e brancas são as suas lágrimas.

O mar chora e geme...

À ré, o olhar perdido nos longes do Oceano, vejo desaparecer no seio das águas de onde brotou, a estrada branca dos sofrimentos do mar.

O Oriente começou a tingir-se de laivos róseos.

E ao longe, como numa aparição, ergue-se na placa azulina do Atlântico uma montanha tôda envolvida num manto diáfano de núvens. E sua crista, de tão altaneira que é, dir-se-ia gritar a loucura de querer romper o azul do Infinito!

Aqui começa a tragédia da montanha que quere ser céu...

Paìsagem de lenda.

As mãos do sol entraram a desnudar lentamente, com carícias de sultão, as vestes leves como sombras que cingem durante a noite a mais bela e a mais feroz ilha do Atlântico.

O Príncipe — diamante verde encastoado no azul do mar — deixa-se desnudar e deixa-se possuir pelo sol fecundo, suprema alegria da vida!

E o barco aproxima-se devagar, lentamente rasgando o mar sereno.

A ilha do Príncipe, miradoiro do Equador, abraçada pelo sol, agora já sol alto e africano, é verde, tôda verde, doidamente verde!

E esta alucinação de verde e azul é quadro de encantos, tela de maravilhas, sonho nado do génio dos deuses!...

Príncipe, paìsagem de sonho, foram, decerto, os deuses que te ergueram em pleno Oceano, longe da profanação dos homens, para que teu deslumbramento fôsse a sua maior ventura...

O mar, o mar que é tão bravo e grita tanto quando encontra a terra, à tua beira é manso, e meigo, e leve, e voluptuoso.

O mar é o teu amante.

Lá do alto da montanha, mirante do Sonho..., às braçadas sôbre braçadas, até junto do mar quietinho e caricioso, parece que rolam sem nunca mais acabar esmeraldas de estranho fulgor...

Um dia, doida gente de cobiças, iluminada pelo farol de Sagres, chegou ao pé de ti — e o teu encanto quebrou-se para os portugueses, para todo o mundo!

Trémulos de emoção, os guerreiros e navegantes penetraram e ajoelharam na grande e bela catedral de verdura do Atlântico.

Depois, foram descobrir quási todo o mundo!

Na posse do homem, e o homem é violento em sua eterna ânsia de querer, a natureza riquíssima da tua vida portentosa, tão brava como estranha, vibrou intensamente.

Ouviu-se um gemido...

Príncipe — calvário de homens e de eternas belezas. Os homens que primeiro foram fecundar teu ventre ubérrimo morreram doidos de febres e deslumbrados com a tua verdura exuberante. Em suas alucinações certo viram um mundo fantástico, um mundo todo feito de esmeraldas e diamantes verdes!...

Morreram felizes porque até ao momento da abalada só viram esplendor, riquezas de lenda, tôda a sua louca ambição realizada...

E outros homens vieram, sem temer os infortúnios e a própria morte, e tanto sonho trouxeram na alma que tu te rendeste à sua glória em oferenda a Portugal.

C A S T R O   S O R O M E N H O

UM POETA NEGRO / COSTA ALEGRE

Sabei, ó brancos d'alma hedionda e preta,
Que há pretos d'alma niveamente clara!...

Assim escreveu de um poeta negro como a noite, de Caetano da Costa Alegre, outro poeta: Paulino de Oliveira.

É que, Costa Alegre, natural de S. Tomé, onde nasceu aí por 1867, pois cremos que faleceu em 1890, contando 23 anos de idade quando ainda aluno de medicina, era negro como êle próprio se retrata nesta espirituosíssima quadra:

Por vêres meu rosto negro
tu me chamaste carvão...
Não admira! Fui a lenha
no fôgo desta paixão.

Era nívea, porém a alma dêsse elegantíssimo poeta negro que cantou, sofreu e morreu tão cedo.

Podia ter sido um poeta que nos legasse uma poesia africana. Mas não. Cantou o Amôr e a Vida ao sabor da escola poética do seu tempo, e por isso, as suas poesias, cheias de um lirismo bem vivido entre nós, têm a influência do naturalismo então preponderante, em que perpassa o seu sentimento panteista e penetrado do cientismo da época.

Foi notado no seu rápido atravessar da vida.

Hoje, nem memória resta dêsse poeta, nem o livro das suas poesias, «Versos», que, supomos foi postumamente publicado, se encontra.

«O Mundo Português», in-memoriam dêsse poeta negro, de S. Tomé, publica algumas poesias suas.

A MÃE

Ha fogo n'uma casa á beira do caminho.
O bom povo d'aldeia em ondas se aglomera.
Com medo vão fugindo as aves para o ninho.
Augmenta mais e mais a subida cratera.

Ouve-se uma voz rouca em tom desesperado:
«Oh! salva-te, mulher! é livre ainda a porta,
Não sejas avarenta, o cofre pouco importa,
Todo o valor que tinha eu tenho aqui guardado».

Branca como um fantasma, afflicta, desgrenhada,
Lá surge uma mulher d'aquella enorme chamma,
Levantando nas mãos o seu filhinho loiro,

Que mostra á multidão attonita, pasmada,
E fitando o marido, altivamente exclama:
«Sou avarenta, sou! Contempla o meu thesoiro!»

O CORAÇÃO

O coração é a pendula da vida
Oscilla como monotona cadencia...
E em cada lenta vibração tangida
Um segundo se extingue da existencia.

O relogio vital não tem concerto,
Se pára, ai! a ultima pancada
D'aquelle rythmo compassado e certo,
Cede o logar ás vibrações da enxada...

O amor, as esperanças, as chimeras,
As illusões gentis das primaveras
Tudo se engendra ali no coração.

E tudo cessa e se reduz ao nada,
Quando cessa essa ultima pancada,
Indo tornar-se em vermes num caixão!...

AS ANDORINHAS

Na quadra dos rosaes e das florinhas,
Architectaram duas andorinhas
O estreito ninho no beiral florido
Da casa em que nasci.
N'esse cofre d'amores suspendido
Que modelo de vida amena e pura,

De conforto, de paz e de ventura,
Meu Deus, havia ali.
Logo que amanhecia
Ellas partiam n'um voar pausado,
Como noivos gentis de braço dado
A procurar o pão de cada dia;
E assim que o sol rolava o disco d'oiro
Para as bandas do oceano, sobre o mar,
Antes que a lua erguesse o rosto loiro,
Logo que anoitecia, ellas voltavam
E juntas a cantar
No seu pequeno ninho penetravam,
E apoz doce murmurio que parece
Que a Deus dão graças n'uma curta prece,
Nos braços uma da outra repousavam.
Um dia eu vi sahir com estranheza
Uma das andorinhas só. Voou
Silenciosamente
Perdendo-se na espessura da deveza
Pouco se demorou.
Batendo as azas negras de contente
Voltava. No biquinho sustentando
Pedaços d'algodão, de linho brando
De tudo quanto é leve
E anda no ar disperso:
Iam decerto forrar o ninho leve
E transformal-o... em berço!
Durante a incubação é que era vel-a,
Vêr a andorinha pae, atarefada,
N'um continuo vae-vem.
Logo de madrugada
Ia buscar o almoço para ella,
Para a andorinha mãe.
Depois partia em busca do jantar,
Á caça na floresta.
Se a ouvia pipilar
Voltava logo diligente e lesta.
Que venturoso par!
Tiveram filhos. E foi nesse ninho

De duas andorinhas que eu vi bem,
Que eu soube quanto amor, quanto carinho,
E maguas te hei custado, ó minha mãe!
De beijos que harmonia,
Que doce hilaridade,
Na casa aerea, venturosa havia!
— Em tão pouco consiste a f'licidade
Que um ninho é largo espaço para ella.
E n'esta solidão
Em vão no amor baseando se esphacela
Meu pobre coração

. . . .

Ah! se a ventura, a flôr apetecida
Meu coração não quer,
É que não vê a illuminar-me a vida
Uns olhos de mulher.

SONETO

Não quero! Tenho horror que a sepultura
mude em vermes meu corpo enregelado!
Se no fogo viveu minha alma pura,
quero, morto, meu corpo calcinado.

Depois de ser em cinzas transformado,
lancem-me ao vento, ao seio da natura...
Quero viver no espaço ilimitado,
no mar, na terra e na celeste altura!

E talvez que eu em teu seio, ó virgem linda,
tam puro como o seio da virtude,
eu, feito cinzas, me introduza ainda...

E no teu coração, pequeno e forte,
óh gôzo triste! viva lá na morte,
já que na vida lá viver não pude!

«TIO MATEUS» OU A SINGULARIDADE DUMA OCUPAÇÃO

Nunca vi S. Tomé e por isso durante algum tempo conservei dela uma imagem que se ajustava pouco ou nada às suas feições, formada porventura com os tons, o bizarro, a imaginação ingénua dos cenários de mágica. Não fôra na primeira idade a ilha dos Pomos de Oiro, sedutora e minaz, que à semelhança do Dragão no mito das Hesperides, a adustão do clima defendia das curiosidades intempestivas? Até que certas noções mais conformes, ao acaso assimiladas, sumiram aquela na confusão e na obscuridade de certas reminiscências que não tornam a irromper...

Foi primeiro um antigo tenente do Ultramar que tinha a mania de prevenir tôda a gente contra as delícias e os inconvenientes do café do Príncipe, — tomado puro, — que invariàvelmente lhe provocava uma espécie de ebriedade e de fúria. Qualquer das ilhas era sem dúvida — declamava, — uma maravilha do génio poderoso e fantástico de Jehovah... Vistas do largo, antes que as lentes do binóculo lhes percebessem o traço ténue de litoral, — o meu tenente se falasse hoje, poderia compará-lo a uma sobrancelha de máscara feminina ultramoderna, — produziam o efeito duma prodigiosa vegetação que mergulhasse no próprio Atlântico as raízes. «Mas temerosas!» Tanto que não bastava para lhes aproveitar as possibilidades, apenas sentir circular no sangue alguns glóbulos de índole aventureira; e à frente das condições que tinha por indispensáveis ao intento, enumerava, além da robustez, do arcaboiço, uma resistência moral invulnerável à imensa monotonia em que acabava por mergulhar-nos a própria vegetação alterosa, densa, verde, que infinitamente nos envolvia, sempre presente aos olhos, a tornar-nos ínfimos; ao isolamento em que decorriam as semanas e os meses no meio de pretos silenciosos, estranhos; à falta de notícias, sempre raras, à erosão da saüdade... Mais tarde informava-me a correspondência dum amigo, que um capricho da sorte fizera «feitor» em certa roça, e que às noites, enquanto dois ou três companheiros cohabitantes do mesmo pavilhão, ressonavam, num sono integral, gostava de conversar comigo em longas cartas descriptivas. Extraviaram-se-me êsses papéis e a perda faz-me pena. Porque formavam, alguns

deles, animados quadrinhos da colónia na ocasião. Graças a essas cartas despretenciosas e comunicativas, parecia-me presenciar a formatura dos serviçais ao romper do dia, na «praça» principal da roça; os afazeres de cada partida de trabalhadores na sua granja; a lufa-lufa dos armazens; entrar com êle nas lojas da «fazenda», onde havia à venda o mais preciso para brancos e pretos; ver com o seu trôço o maioral, vigilante, a cavalo; e adivinhar por detrás das grades floridas do seu jardim privativo, na sua vivenda de claras persianas corridas sôbre as janelas, donde às vezes, nas horas do «fresco», se espalhava um rumor de piano, — evocação exquisita, feminina, nostálgica da longínqua Europa num crú ambiente equatorial — o administrador, uma sorte de reduzida providência, que guardava nas suas mãos os fios de tôda a acção grave e fecunda das plantações e dos negócios da casa.

Conheci ainda S. Tomé do que ouvi contar a uma mesa da «Brasileira» literata do Chiado, ao dr. Mateus de Sampaio, que foi, não sei se sabem, alguém na ilha...

Agora um grande parentesis.

Navegava um dia, aí pelos meados do século XVI, por aquelas alturas, uma nau de negreiros vinda de Angola com «carregamento» de escravos para os engenhos e plantações do Brasil. Sobrevindo uma procela, despedaçado o velame, desfeita a embarcação, tripulantes, traficantes, «mercadorias» desapareceram na voragem das ondas ou tragados pelos tubarões, e só uma centena de negros conseguia escapar, alcançando o litoral. Refeito da atribulação, o bando daí a pouco fez como aquela serpente que um viandante encontrara quási morta sôbre a neve do caminho e que ao calor do peito havia desenregelado. Levantando-se, pilhou, destruíu, fez correr o sangue da população pacífica e, com despojos e mulheres, correu, a-fim-de evitar um possível castigo, a acoitar-se nos altos picos do sul da ilha, que não tardou a andar por isso designado por «terra dos Angolares». Não o castigaram porém e ao abrigo da paz em que o deixaram, deitou raízes, gerou, e defendido de mais pela aliança da floresta virgem, a que nenhum branco se afoitava, estabeleceu seguro e inviolável domínio. Numeroso, pôde crescer durante alguns séculos em fôrça e atrevimento. Não havia decorrido mais duma decada sôbre aquele acontecimento e já, como uma lava despenhada dos seus cimos, alcançava a cidade, destruía-a para voltar às suas povoações, com novos despojos e novas raptadas por troféus, — negras e algumas brancas, — ao clarão do incêndio que tinha ateado depois do morticínio e do saque.

A história desta pequena ilha é freqüentemente escrita a sangue. Como se não fôssem suficientes estas calamidades, repetidos assaltos de franceses e holandeses, teve que sofrer, e bem fraca era a defensão que os muros da fortaleza seiscentista de S. Sebastião opunham aos pelouros com que de bordo os varavam os corsários. No século XVII certo escravo de nome Amador, um Spártacus em negro, arrogou-se o título de rei, levou os indígenas a destruírem todos os engenhos, pretendeu apagar no solo e na memória tôda a sorte de vestígio branco. Lá estava do outro lado o

Brasil a acolher novo êxodo de colonos reduzidos à miséria. Mas a tormenta devia passar e com efeito passou. E como o português é de qualidade ou por defeito teimoso, lembrando por isso certas hervas que, depois do ferro da monda, depressa tornam a romper, sucedeu voltarem em S. Tomé, por maravilha de tenacidade, a surgir, ao cabo dalguns lustres, fazendas, engenhos, plantações. Dêste modo pôde a ilha manter-se portuguesa. E bem o destino, como se mostra, se empenhou contra nós, pondo em acção seus títeres e catástrofes: levantamentos de negros, pestes, piratas e até, a pretexto duma política humanitária, invocando a letra dum tratado qualquer, de 1842, os nossos amigos britânicos, com freqüentes vexames, a um dos quais uma vez respondeu, indignada, a pena ilustre de José da Silva Mendes Leal, ministro da marinha em 1861.

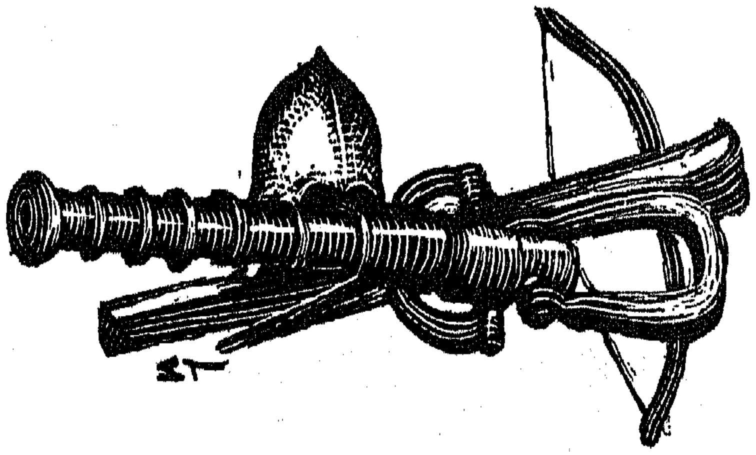
O século XIX foi porém um período de prodigiosas transformações em que operaram os Agua-Izés, os Belards, os Pedreiras, os Manteros, os Constantinos, o das hercúleas campanhas da derruba de cerradas e eternas florestas para a grande cultura que ia empreender-se, para a roça. Assim foram aparecendo a «Boa Entrada», a «Agua-Izé», a «Rio de Ouro», a «Monte-Café», a «Diogo Vaz», — miniaturas de cidades-jardins, com os seus palmares, os seus seringais, os seus cacaueiros, os seus campos de sisal. O primeiro combóiosinho atravessou então, meneante como negros em batuque, com o seu silvo insólito, o seu vistoso penacho de fumo, fazendas, granjas, pequeninas vilas de tábua e zinco ao fundo de amenas baías. Entretanto nos altos cerros meridionais o selvagem e hostil isolamento dos angolares continuava inviolável...

Um belo dia um transmontano, — médico militar, explorador quando lhe apetecia sê-lo, — decidiu aventurar-se àquelas paragens, a-fim-de pôr côbro, se isso lhe fôra possível, à deprimente independência de facto daquela gente. Haviam-lhe feito uma concessão de terras que demoravam lá, sem mais valor, por conseguinte, do que um império noutro planeta. Tratou pois de organizar uma expedição. Os cabedais de que dispunha investiu-os desde logo na emprêsa. E como não chegassem, recorreu ao crédito. Equipou o melhor que pôde a «hoste». Fretou uma embarcação e fez-se de vela com seus homens com rumo ao sul. Oh! mas o português não é o provençal, e êste aventuroso embarque fez-se no meio dum silêncio de mau agoiro, entre moles abraços sucumbidos. Que diferença com as despedidas feitas a Tartarin, partindo para as suas glórias de caçador de leões, na deliciosa crónica de Daudet... Saltaram no areal da baía de S. João. E imediatamente plantaram na praia a bandeira ali nunca hasteada. Depois seguiu-se com atenção nos seus movimentos o angolar. Mas o angolar por sua vez mirava. Tratar-se-ia dalgum estratagema? Pelo sim, pelo não, sempre com a espingarda a tiracolo, a expedição entrou de arrotear, de plantar, de abrir caminho para o interior, de levantar a povoação à medida que os materiais vinham chegando: a madeira, o barro, a telha, e as serras, as plainas, os martelos, as

pás. Aos dias foram seguindo outros dias sem que no entanto o terrível angolar procurasse deter a desenvolta actividade daquele punhado de brancos, de que era a alma um homem quási atarracado, bochechudo, de barba em bico mal retocada, de olhos risonhos, penetrantes, maliciosos... Pelo contrário: os pretos acabavam por acercar-se, por ajudar à tarefa.

Sampaio não foi pois ùnicamente um conquistador original, sem disparar um tiro. Foi também o Nemrod iniciador duma tríbu brava em novos e benignos costumes. Estava feita a ocupação das misteriosas florestas do Sul.

Conheci o dr. Mateus de Sampaio, o «tio Mateus», conforme o tratavam nalgumas casas em que, a-pesar disso, não era membro da família. A bonhomia de que o dotara Deus aproximava dele até à familiaridade, tôda a gente. Passava às vezes por fabulosamente rico. Fabulou-o em tais termos uma ocasião Raul Brandão no seu jornal do lusco-fusco, *O Imparcial*, em cuja varanda sôbre o Chiado, ao som dum tamtam, se afixou para a curiosidade lisboeta o primeiro *placard*. Título, parece-me: *Oiro! Oiro! Uma chuva de oiro!* «Tio Mateus» era também, bem no fundo do seu ser, um poeta imaginativo. Não escreveu poemas, é certo; mas verteu em acção uma parte do seu sonho, fez coisas lindas, como essa temerária aventura dos Angolares. Medíocre homem de cálculos jàmais logrou pôr em cifras o que possuía e, conforme os seus humores ou o cariz do dia, ora supôs-se um nababo ora via a riqueza a sumir-se-lhe das mãos como água... Sonhou e não menos provou o tédio, mas o tédio dissimulava-o discretamente, por pudor, com um sorriso de ironia mansa. Quando a crise o afligia demasiado, e já não confiava a cura às solidões do seu solar natal, — «tio Mateus» deixava uma manhã o *Hotel Borges*, mandava chamar ao Camões uma tipóia e fazia-a bater para o Cais da Fundição, onde o esperava o beliche que marcara sem despedidas nem cumprimentos...



A M A D E U C U N H A

OSSOBÓ

Pousado num ramo de acácia, Ossobó canta e alisa as penas do peito com o bico humedecido. Mete a cabeça debaixo das asas, sacode o corpo do entorpecimento nocturno, confundindo o verde das suas penas com o verde das folhagens.

De ramo em ramo, passa batendo as asas com dificuldade, pois as curtas distâncias impedem que se lance no vôo.

Por momentos, qualquer coisa o atrái lá em baixo, no chão, e rápido desce, pousando sôbre a macia cama de fôlhas sêcas ali acumuladas há tanto tempo.

Por cima, imóveis, os telhados delicados dos fetos arbóreos deixam caír o orvalho gota a gota, nas folhas largas das begónias.

Saltita aqui, bica ali, esboçando pequenos vôos em perseguição dos insectos de côres vivas que já agora cintilam no ar fresco da manhã e, sempre a saltitar, aproxima-se das folhas das begónias com pérolas de cristal dependuradas nas faces.

Para cima da begónia, Ossobó trepa depois de alguns momentos de hesitação.

Amanhece... Um raio de sol conseguiu atravessar, antes dos outros, a ramaria alta das amoreiras (1) e espelha a água depositada no limbo das folhas. Com os pés mergulhados, Ossobó alonga o pescoço e sorve com o bico uma das pequenas gotas transparentes.

Contente, sacode as asas e vôa. Sobe até ao cimo dos ocás (2) de tronco e de base espalmada como os pés das gaivotas.

Daí, circundando o horisonte verde-amarelado, desce novamente para onde o despenhar duma cascata se ouve no silêncio murmurante da floresta.

Os sons vêm de longe e, chegam uns após outros, como se se tivessem perdido na amplidão do arvoredo, mas Ossobó conhece bem os ramos e as folhas que roçam o seu corpo em deslise veloz pelo ar fóra.

---

1 e 2 — Árvores altas de 30 metros: 1 (Chlorofora tenuifolia), 2 (Eriodendron anfractuosum).

De copa em copa, passando sucessivamente da amoreira para o ocá, do ipé (1) para as árvores mais baixas, pelas cordas lemba-lemba (2), breve chega ao charco da cascata.

Sôbre a areia juntam-se os bicos de lacre, os celestes e os taclés que, com êle brincam, quando em debandada cortam as voltas, deixando-se caír, como qualquer fruto podre, para logo se esconderem no verde ondulante do capim...

Amanhece dentro da floresta. Um denso nevoeiro a subir do chão e da torrente ainda envolve o espaço. O Sol, porém, consegue filtrar-se em contínuos reflexos através da ramaria sobreposta e já os seus raios incidem oblìquamente, na película prateada da vegetação.

Mais em cima, o periquito balouçando a cabeça, olha atento, não surja algum dos inimigos. Êle próprio segreda o grande segrêdo a Ossobó.

É dia, finalmente; o frio nevoeiro vai desaparecendo nos cerrados escuros de trepadeiras enlaçadas onde a luz não entra.

E assim aconteceu às pobres árvores esmagadas que, em tempos, miravam com benevolência as insignificantes cordas de água, subindo hesitantes pelos seus troncos.

Tudo reanima do torpôr da noite. As sensitivas intumescem, abrem devagar as suas folhas, e as flores do pau lírio (3) lançam baforadas de perfume.

Sol!...

De manhã o ar é fresco e a vida penetra na floresta em grande movimento. Ossobó entra na ribeira e imita os seus companheiros. Agacha-se, faz com que a corrente se desvie ante o obstáculo do seu corpo e mergulha repetidas vezes nas águas. Salpica-se, asperge-se e todo estremece de prazer com a penúgem eriçada e as gotas a escorrerem do seu peito branco.

Mas os bicos de lacre pararam de brincar e olham inquietos qualquer coisa que se move e que em filas tortuosas vem a subir pelas pedras roliças das margens.

Êles lembram-se das cobras traiçoeiras que, em noite escura, os vêm surpreender no sono, mas o periquito depressa os pacifica. Não são mais que os peixões que, em cordões cinzentos, se esforçam por transpôr um pequeno declive da ribeira.

Os pássaros não podem deixar de murmurar. Coitados, se fôssem tão corajosos quanto são perseverantes, talvez conseguissem os seus intentos,

(1) *Árvore alta de 30 metros (Olea Welwitchi).*

(2) *Cipós.*

(3) *Árvore muito alta (Conopharingia Stenosyphon).*

mas, mal alguma sombra passa, logo julgam ser o pica-peixe azul e, desagregando-se, são levados ribeira abaixo, para retomar depois o caminho perdido.

Ossobó canta e torna a cantar. A melodia que dêle se desprende, parece alegre, mas povoada de recordações.

São a história da ilha cortada de montanhas e de vales profundos, com os pedregulhos a rolar torrentes abaixo, e as águas escorrendo da terra. São a fôrça verde da floresta espalhada das margens aos cimos, cordas serpeando nervosamente pelo chão, atê encontrarem apoio nas grandes árvores.

Tragédia da floresta. Luz. Pela luz as trepadeiras estendem as suas teias sôbre as copas, esmagam, enrodilham em esforços genesíacos e sobem até aos ramos mais altos das figueiras e das jacas (1). Porém, sôbre elas e sôbre toda a parte, os líquenes pendem, como coisas mortas, embedidas em vapores misteriosos.

Nos golpes das rochas negras crescem tufos de fetos e licopódios, e as ribeiras saiem dentre a folhagem a troar pelos rochedos, espuma branca que nos pegos fundos tinge de azul a verde folhagem mergulhada.

E Ossobó continua. E nos vales as águas murmuram silenciosas em meandros de pedras roladas e de raizes desnudas: as lianas alastram, alastram e procuram afogar os troncos lisos que sobem pelo ar, para depois se abrirem em imensa ramaria.

Nem lá a luta pára. Pendentes dos troncos descem fiadas de cordões cobertos de musgo e, de árvore em árvore, vão passando como serpentes em busca da presa, até tomarem raïzame na terra de folhas apodrecidas.

Uma folha de fruta-pão caindo e, desviada pela aragem, projecta a sua sombra nas claras águas da ribeira. Tanto bastou para que, assustados, levantem vôo para lugar mais seguro.

Vôam por cima das pedras agudas que, aqui e ali, rompem o manto vegetal; a humidade espalha-se a recamar a superfície negra da rocha e, no chão, sôbre o tenro musgo, gotas de orvalho irizam à luz a sua transparência.

Recolhem à sombra das bananeiras. O sol subiu pelo horisonte e projecta os recortes esquisitamente belos dos fetos arbóreos com a mesma forma com que repousam sôbre os troncos.

Ossobó olha os vapores que se escondem cada vez mais nos cipós entrelaçados. Por causa dêles é que o Sol manda daquela maneira os seus raios, e a toalha de água que se despenha das rochas parece uma placa dourada de metal.

(1) *Artocarpus integrifolia.*

Mas, é necessário esquecer o tempo, e os cantos recomeçam, menos intensos, porque o calor seca as gargantas.

Em gorgeios trémulos, em alguns trinados, contam os pequenos nadas da sua vida, nos dias anteriores.

Ossobó começa assim: «Uma vez andava voando a ver se alguma coisa aparecia. Naquele dia, porém, o vento muito forte tinha-me levado para cima dos altos ramos do ocá e julguei estar perdido. Aquilo era tão grande e nada se via ao longe. Só por baixo ouvia o remexer desordenado da folhagem sob o ondear das núvens.

Cansado, deixava-me levar ao sabor do vento, até que por momentos vi a água rodeando o obó (1). Seria possível!?

Grande lago era, muitas vezes maior do que aquele em que nos costumamos banhar e agora me lembro das histórias que as andorinhas me contaram. Chamavam-lhe o Mar e diziam que para lá dêle outras terras havia.

Mas eu voltei porque o vento já não era forte e o estrondo daquelas longas ondas a desfazerem-se na areia, parecia chamar continuamente por mim...»

Ossobó parou ofegante. Há muito tempo que não se lembrava de tanto cantar. Seus companheiros, regosijados, voavam de flôr em flôr.

Já aquela hora entardecia. As névoas espiavam o Sol que, em últimos esforços, as inundava de vermelho.

Ossobó aproxima-se, pouco a pouco, dum enredado confuso. Ali, um arbusto jazia, dobrado ao peso da multidão de pequenas plantas pendentes dos seus ramos. Para aqueles sítios era raro aventurarem-se. As árvores decrescem de altura, a sua folhagem menos exuberante, a sua forma estranha lembram o mistério dos sítios, os mais altos da ilha, sempre ensopados em nevoeiros densos e onde vivem as plantas mais esquisitas, os musgos maiores e as hepáticas lacadas em grande quantidade.

Mas Ossobó desdenha dos avisos dos celestes. Não é êle quem melhor canta no obó? Quem não o conhecia? Pobres medrosos que nunca saíam do seu vale...

Êle era assim, gostava de ver tudo. Desde muito novo que andava de vale em vale, encantando as outras aves com a sua verde plumagem e com a sua voz melodiosa.

O próprio periquito dissera que os homens lhe chamavam o rouxinol da ilha e isso envaidecia-o. Os seus amigos nem os conhecia. Chegava a um lugar e logo depois se ia embora.

---

(1) Floresta.

Despreocupado, perscruta por entre as folhas e depois saltita atraído pelo vermelho dum insecto que zumbe mais em baixo.

De ramo em ramo, quási que lhe chega e eis que estaca de repente, olhos fitos lá por onde as folhas se amontoam mais espessas. Começa de recuar alucinado, piando baixinho num tom diferente de há pouco.

Não ouvia ainda o cantar dos bicos de lacre? Seria ilusão tudo aquilo?

Ossobó continua no seu canto triste e suplicante; meneia a cabeça em direcções impostas, e os seus olhos pequeninos não se desviam dum tronco meio apodrecido que ali estava.

Agora não se move, sequer, a-pesar-de haver uma força que o impele a avançar.

Descendo das alturas passam cinco garças brancas, mas Ossobó já nem as vê. As suas asas roçam o chão sem fôrça alguma e, preso ao seu destino, Ossobó aguarda o fim.

O silêncio é enorme quando um silvo cortante talha o ar. Por detrás do tronco surge a cobra negra com as estrias vermelhas na cabeça e os dois dentes curvos saíndo da bocarra.

Rastejando, o seu corpo manchado de amarelo, descreve longos ss em direcção a Ossobó, mas êste só sente dois pontos brilhantes que cada vez mais se aproximam e lhe entram pelos olhos dentro.

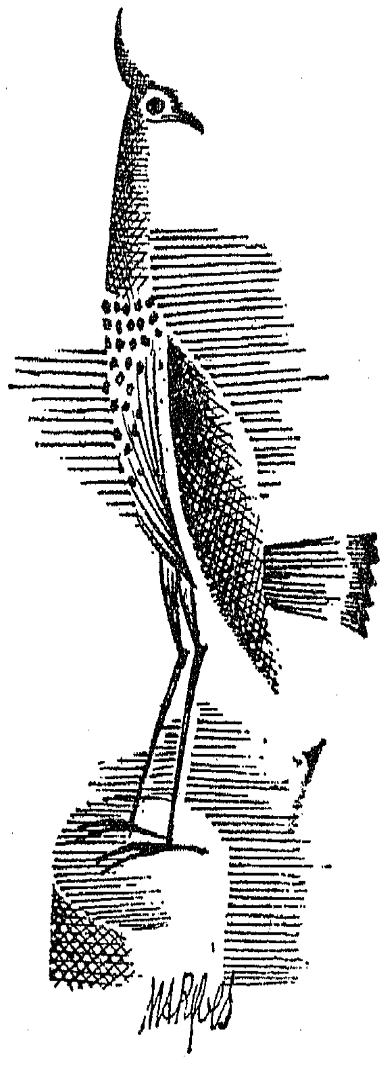
Era tarde. Um nevoeiro escuro saíra dos esconderijos e tapara o Sol...

Voejando pela noite fora, Guimbú o morcego, há muito procurava perceber. Como era estranho acordar numa noite tão serena, ao estremecer brusco do silvado onde se ocultava da luz.

Sonolento ainda, parecera-lhe que o vento vergastava as frágeis gramíneas e as atirava para longe. Porém, quando saíra, estava tudo quieto, nem uma folha bulia e as estrelas banhavam as árvores com a sua vaga luminosidade; se o capim não estivesse tombado, julgaria ter vivido num sonho.

Mas não. As coisas sucediam misteriosamente no obó e debalde Guimbú o morcego procurava perceber.

RUI CINATTI VAZ MONTEIRO GOMES



NOTAS DE VIAGEM

Dizem-me que se avista a ilha de S. Tomé; no entanto, percorro o horizonte e mal enxergo, no enfiamento da prôa, um rôlo de nuvens escuras, acumuladas em certo ponto, ainda longínquo.

Obra de duas horas, calculo, para lá chegarmos; e, à medida que o navio encurta a distância com lentidões de organismo exausto, cresce a minha ansiedade por êste primeiro contacto com terra africana.

Estarei a sonhar? De inesperada que foi a profunda mudança de hábitos e de meio, sinto-me fora de mim próprio, atordoado; ainda não me afiz ao novo plano de vida que tracei. Perdi a noção do tempo, de duas semanas passadas na invencível monotonia duma viagem entre céu e água. Parece-me que ainda ontem, às 5 da tarde, subi o Chiado, no cumprimento dum rito obrigatório e cotidiano, como todo o lisboeta que se preza. Estarei eu, efectivamente, já próximo de outro hemisfério, tão longe de parentes, de amigos, da *lama do bom tom?*

Mas não! O que vejo, aquela mancha negra que se apróxima e avulta gradualmente, faz-me cair na realidade. Embarquei neste paquete que me vai levar ao desconhecido. Num rasgo súbito, de energia e de vontade, rompi com a insipidez da rotina, abafei sentimentalismos piegas, e fiz as malas. Venho a encetar uma nova existência; e, a meio-caminho de longa travessia para a Terra da Promissão, fica S. Tomé, a ilha do cacau—alfôbre de ricaços e de nababos, segundo a fama.

Está ali, na minha frente. A princípio, só nuvens; depois, a pouco e pouco, vou destrinçando uma orla de terra, aparentemente baixa, ocultas as elevações em novelos de espessas brumas. O cariz infunde pavor; e ao vê-lo, compreendo a principal razão da fertilidade excepcional desta colónia minúscula. Nalgumas zonas chove torrencialmente; noutras, as nuvens parecem descer ao nível do mar, como trombas, em jeitos de sugá-lo; e não tardará muito que a evaporação, activada por uma temperatura de fornalha, converta todas aquelas humidades em jorros diluviais, que se despejam sôbre o humus rico e pródigo.

Já próximo do fundeadouro, desenham-se minúcias, observo melhor o panorama. A desagradável impressão subsiste e acentua-se. Tudo mergulha numa obscuridade tétrica: a terra é preta; a vegetação, muito densa, apresenta ligeiros cambiantes de verde-negro; os raros picos visíveis têm corôas de nuvens, mais nuvens, carrancudas, plúmbeas, que ameaçam despedir raios e coriscos. Relampeja ali e acolá. Dir-se-ia que a ilha é um iman colossal onde convergem todas as cacimbas, todos os vapores, saturados de electricidade, que se geram nas paragens equatoriais do imenso Atlântico...

E comtudo, aqui na baía, fulge um sol claro, abrazador!

Lançamos ferro em águas calmas. Na sombra dum batelão que se chega por bombordo, descubro uma transparência de pura esmeralda, como nunca vira. Distinguem-se o fundo, as côres vivas e reluzentes dos peixes, aos cardumes, e um tubarão a persegui-los...

Chiam roldanas e guindastes, na faina costumada; e logo sobem ao portaló as autoridades, pessoas gradas, e colonos, sequiosos de notícias. Vêm a bordo matar saüdades e nostalgias, curtidas — sabe-se lá! — em quantos anos de sofrimento e de luta.

Impressiona-me o aspecto desta gente. Não os conheço, nunca os vi, mas iria jurar que têm emmagrecido muito. Os fatos brancos, duma alvura sem mácula, parecem largos para corpos definhados; e, por contraste, fazem sobresair a tez macilenta, a pele ressequida e verdoenga, que noto em quási todos. Há olhos encovados, com laivos de icterícia, olhos brilhantes que já denunciam o acesso diário do paludismo, a pontinha da febre que, mais logo, ao cair da tarde, em arrepios e tremuras, vai subindo aos 40 gráus, até ao delírio...

Clima ingrato e malsão! Fala-se nos pântanos que existem junto da cidade, viveiros de anofeles, donde se exalam fétidos miasmas; e como se fôsse pequeno tal flagelo, vive ainda o colono, apegado à roça, na mira ou na ilusão da riqueza, em constante receio das piores doenças tropicais — o cortejo macabro das biliosas e das perniciosas, traiçoeiras, fulminantes...

*

* *

Vamos à Roça «Rio do Ouro», do sr. Marquês de Vale Flor. O vaporzito que nos leva, corre airoso e veloz, como num lago. Contornamos o Ilhéu das Cabras e pouco depois — uma hora de viagem, se tanto — atracamos a uma ponte magnífica e bem apetrechada.

Mal desço em terra, vejo-me rodeado de pretinhos; caras alegres, prazenteiras, olhos espertos e dentes de marfim. «Bom dia, siô! Boa tarde, siô!». Estes

fazem uma espécie de continência e rapam o solo com os pés, à maneira de galinhas; aqueles, põem a mão direita na cinta e dobram-se ligeiramente para o mesmo lado. Sinto-me embaraçado e desprevenido: não sei como deva corresponder a tão originais mesuras. — «Boas tardes, meus meninos!» Parecem contentes, muito familiarizados com os brancos, e até manifestam um grande à-vontade com o administrador, que os afaga carinhosamente.

E lá vamos, — seguidos ou precedidos pelo bando de negritos, em constante chilreada, numa alegria de festa — percorrer as primeiras instalações da propriedade.

Começamos a visita pelo arsenal, que o é em reduzida escala, mas completo. Nele se constróem e reparam barcos. Como primeira revelação da flora exuberante dêste solo fecundo, admiramos algumas embarcações cavadas num único tronco de «amoreira».

Depois, armazéns de cacau, de café, e outros produtos, onde milhares de sacos aguardam transporte. Ouro, muito ouro, que se escôa para a Metrópole...

Uma locomotiva, tipo Decauville, com alguns vagons atrelados, espera os visitantes, caldeira sob pressão. Nele vamos transpor os 10 quilómetros que separam Fernão Dias, o portinho, da séde principal.

Percorridos alguns metros, entramos na floresta encolhidos de assombro, amesquinhados, ante a magnificência desta vegetação portentosa. Para lá da estreita vereda em que assentam os carris do combóio-miniatura, está, de ambos os lados, a selva tropical na sua mais ostentosa pujança: árvores de porte gigânteo, fetos descomunais; lianas, cipós e *cordas* emmaranhadas numa espessa trama de inextricáveis amplexos; arbustos, plantas grandes e pequenas, ervas rasteiras, que se comprimem e esmagam numa profusão inconcebível, demasiada; sombras que inspiram terror, que não refrescam, e onde talvez nunca penetre uma réstea de sol. Pressente-se a luta desapiedada e brutal das espécies — vidas que nascem, rápidos crescimentos, mortes e podridões fecundas, que se desentranham na perpétua renovação de seres...

Depois, atravessamos plantações de cana, de trigo (!) de cacau e de café; a verdura torna-se ainda mais densa quando nos aproximamos do ribeiro, várias vezes atravessado. A espaços, desaba sôbre nós uma violenta bátega de água, em grossos pingos, de que não restam quaisquer vestígios daí a pouco: tudo se evapora no ambiente cálido, abafadiço.

A séde da roça tem a configuração duma aldeia muito regular nas suas linhas — uma aldeia modêlo: residência do administrador, habitações dos empregados brancos, dos serviçais, oficinas, hospital, creche, ruas largas, iluminação eléctrica — nada ali falta.

Nas oficinas gabamos justamente as mobílias, vagons completos de caminhos de ferro, obras de estofador, de ferreiro, de correeiro, etc., executados por indígenas, que revelam excelentes aptidões para artífices, desde que os dirijam com acêrto e método.

A nossa admiração vai ao auge no edifício destinado ao tratamento do café. O administrador tudo nos explica, muito amável, com paciência evangélica: o género é conduzido a certa máquina onde perde a casca; elevadores automáticos levam-no a outra que separa mais impurezas. Os resíduos, por sua vez, caem num veio de água e nele seguem para o depósito onde serão transformados em adubo. Nada se perde, tudo se transforma! Surpreende-nos, em especial, verificar que a intervenção do braço humano, a mão de obra, está reduzida ao mínimo pela máquina. É moderno, bem concebido. Vê-se que a exploração da roça obedece a um critério inteligente; em tudo se patenteia ordem, disciplina, organização.

Num recanto, alguns montículos de café, e umas raparigas côr de ébano que o seleccionam cuidadosamente, bago a bago. Trata-se do café Moka de 1.ª qualidade, escolha das escolhas — elucida o administrador. Apuram-se poucos sacos por colheita; uns destinam-se ao proprietário, outros ficam na roça, para as visitas. Ficamos a saber que, logo ao jantar, provaremos essa maravilha...

Muito prático e original o sistema dos taboleiros para a secagem do cacau, deslizando sôbre carris, e recolhidos em vãos, na parte inferior dos edifícios. Um serviçal está de vigia, e quando vislumbra prenúncios de aguaceiro, dá o alarme: o pessoal que anda mais perto corre aos taboleiros e o género é ràpidamente abrigado da chuva que o inutilizaria.

Agora visita obrigada ao hospital privativo, também modelar: enfermarias largas e arejadas, sala de operações, material cirúrgico, farmácia, laboratório, etc.

As habitações dos serviçais muito higiénicas, agrupadas em senzalas de pedra e cal merecem-nos rasgados louvores. Depois, ainda, a creche, os lavadoiros, mais oficinas...

As instalações do pessoal agrícola, dão-nos a certeza de que o trabalhador negro tem aqui tratamento, regalias e assistência que o operário das cidades e dos campos, no continente, desconhecem por completo.

Estamos já derreados com o «tour du propriétaire»; e para descansar uns momentos, passamos ao jardim, que tem para nós a aparência dum oasis no meio do calor infernal e húmido que não deu tréguas durante algumas horas. Ao menos aqui sentimos um arremêdo de frescura, neste éden de flôres desmesuradas, com feitios caprichosos e plantas exóticas de tôda a ordem. Não me esquecerei duma cujas fôlhas são largas, verde-escuro, sarapintadas no meio de côres

vivas, aos borrões — azul, vermelho, amarelo — como se um pintor tivesse ali despejado as tintas da sua paleta.

Pouco depois entra o sol a esconder-se no poente em cambiantes sucessivos, instantâneos, que mal posso fixar na retina. Escurece de repente.

Os jantares de africanistas têm uma velha tradição de intermináveis festins. É agora o primeiro a que assisto. Seguem-se pratos sôbre pratos, iguarias de grande hotel e petiscos da culinária local numa profusão que me assombra. Muleques de ambos os sexos — não sei quantos, muitos — descalços e irrepreensìvelmente aceados, fazem o serviço da lauta mêsa, atentos e silenciosos. Provo as frutas magníficas, de requintados sabores, tão faladas: o abacaxi, a manga, a papaia, bananas de mui diversas castas.

Com os licores, trazem-nos umas pequenas chicaras em que sobrenada loira espuma; evola-se um aroma, activo, penetrante, que invade o aposento: é o Moka, escolha das escolhas. Delícia sem par!

*

Pouco antes da sobremesa, tinha começado o recreio dos serviçais. Folgam, riem e cantam. Intriga-me aquele buliço e, tão cedo as conveniências mo permitem, saio para a varanda; irresistìvelmente, desço ao largo onde algumas centenas de negros e negras se juntam em magotes. O barulho é, por vezes, ensurdecedor; e à animada falácia, babel de línguas incompreensíveis para mim, juntam-se curtas e singelas melodias tocadas em instrumentos primitivos, de timbres chocalhantes, exquisitos, e ressonâncias cavas de tambor; de quando em quando, numa pausa daquela polifonia desordenada e bárbara, ouvem-se os acordes pastosos dum côro masculino, por sinal, muito afinado.

Julgo-me arrebatado para outro mundo, um mundo de sortilégios, que me cativa. Como desejaria surpreender a alma desta raça, tão diferente da minha! Mas quando me disponho a observar de perto e com minúcia aquele fantástico pandemónio, toca uma sineta: os serviçais recolhem, e minutos depois o silêncio é absoluto.

Regressamos no mesmo combóio a Fernão Dias, onde tomamos novamente o vaporzito.

Noite muito límpida, sem luar; brilho intenso do firmamento, povoado de estrêlas. O Cruzeiro do Sul... Na água escura o rasto leitoso da fosforescência. Vou à prôa e ali me fico debruçado o resto da travessia, como num deslumbramento, magnetizado pela chuva de prata que o barco risca no oceano, roubando à sua quietação miríades incontáveis dêsses infusórios tão abundantes nos mares austrais.

Desvaneceu-se completamente a impressão de terror, colhida às primeiras horas da manhã; sinto-me fascinado pelo encanto, pela serena beleza desta noite incomparável.

Será a violência dos contrastes, que oferecem as regiões tropicais, ora de asperezas e hostilidades, ora de encantamento e quietação, o filtro amoroso que para sempre liga às terras de África quem uma vez as pisou, a causa da nostalgia que em nossa alma se instila e os anos não conseguem eliminar?

O continente negro atraía-me; hoje conquistou-me e devo a S. Tomé, em rápida visita que jàmais esquecerei, a minha iniciação de colonial. Colhi sensações novas e estimulantes nesta ilha, modêlo e padrão do nosso esfôrço colonizador. Vou para o sul, para a contra-costa, direito aos perigos, resoluto, e esperançado no futuro; na invencível tentação do desconhecido, ao impulso duma fatalidade atávica, entrevejo a esperança duma vida nova, livre e independente.

Miragem? Talvez.

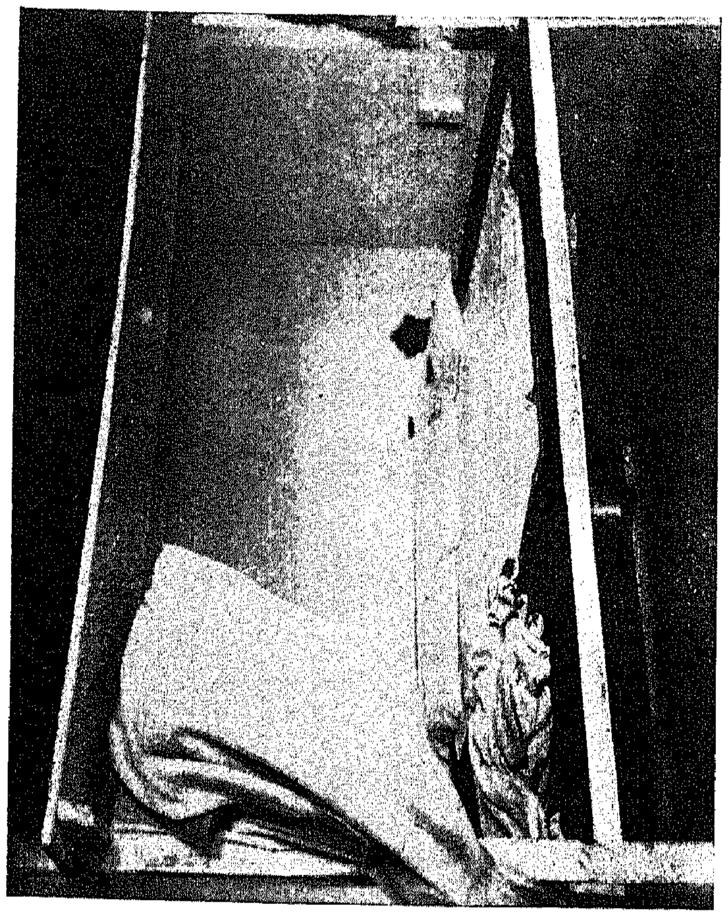
. . . .

Estranho destino, o que talhei — ou me foi reservado! Lembro-me de que a estas horas devia encontrar-me em Coimbra às voltas com enfadonhas sebentas, forçado a persuadir-me de que «o direito entrou no domínio das ciências positivas», por obra e graça do Código Justiniano e dos caracteres específicos dos Crò-Magnons... E afinal, não estou na Lusa-Atenas nem na capital — mas aqui, a dois passos do Equador, em plena magia da África.

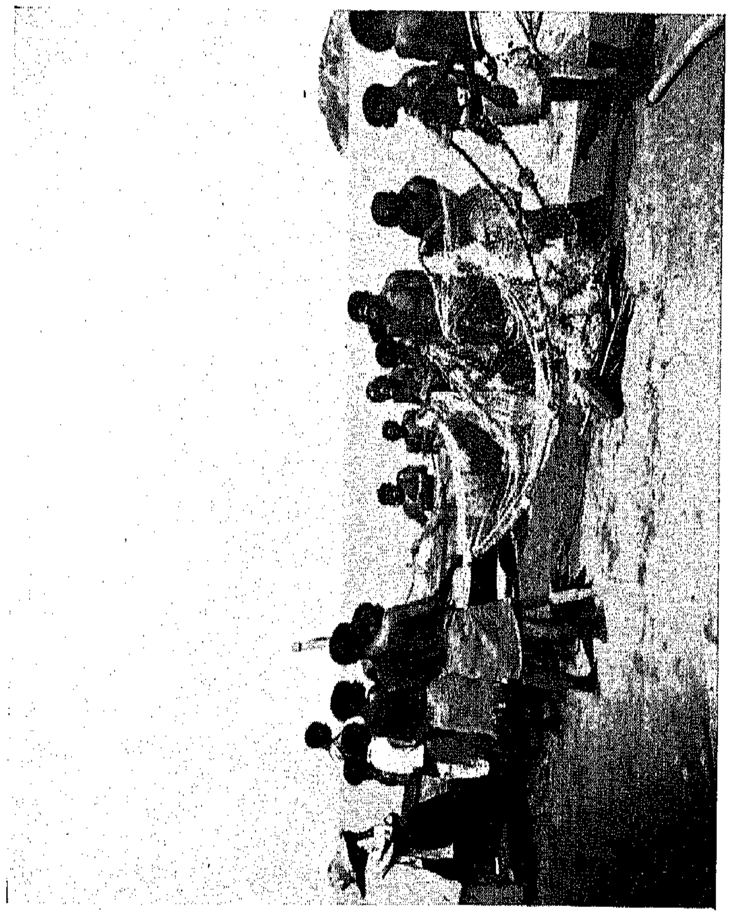
. . . .

Assim vi S. Tomé em 1910. Parece-me que foi ontem...

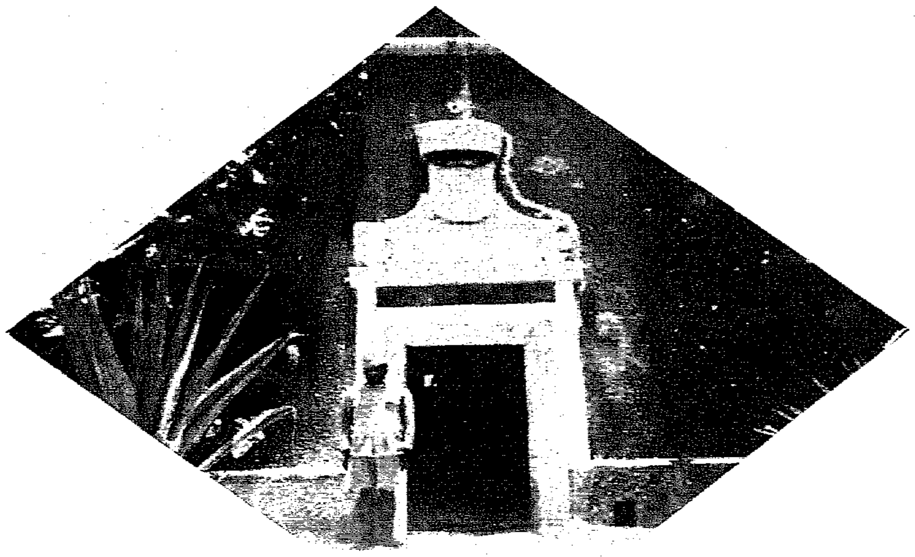
SILVA BASTOS (FILHO)



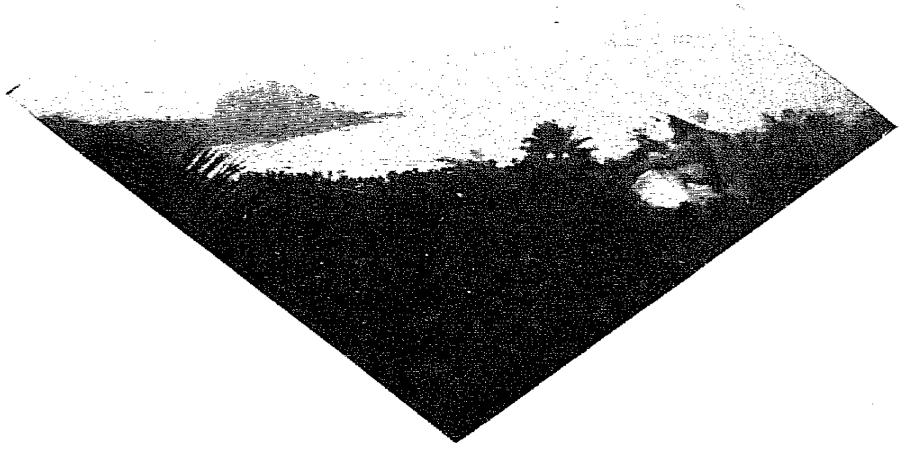
S. Tomé — Roça Rio do Ouro — Interior de senzala de serviçais



S. Tomé — Roça Boa Entrada — Angolares preparando as redes



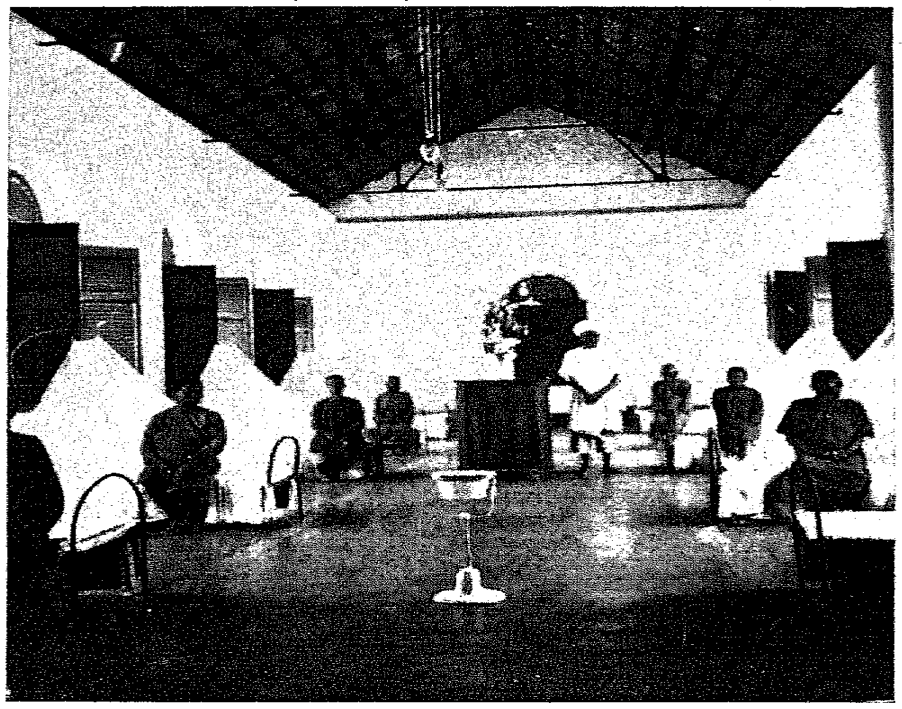
S. Tomé — Entrada da Fortaleza



Príncipe — Entrada da Baía

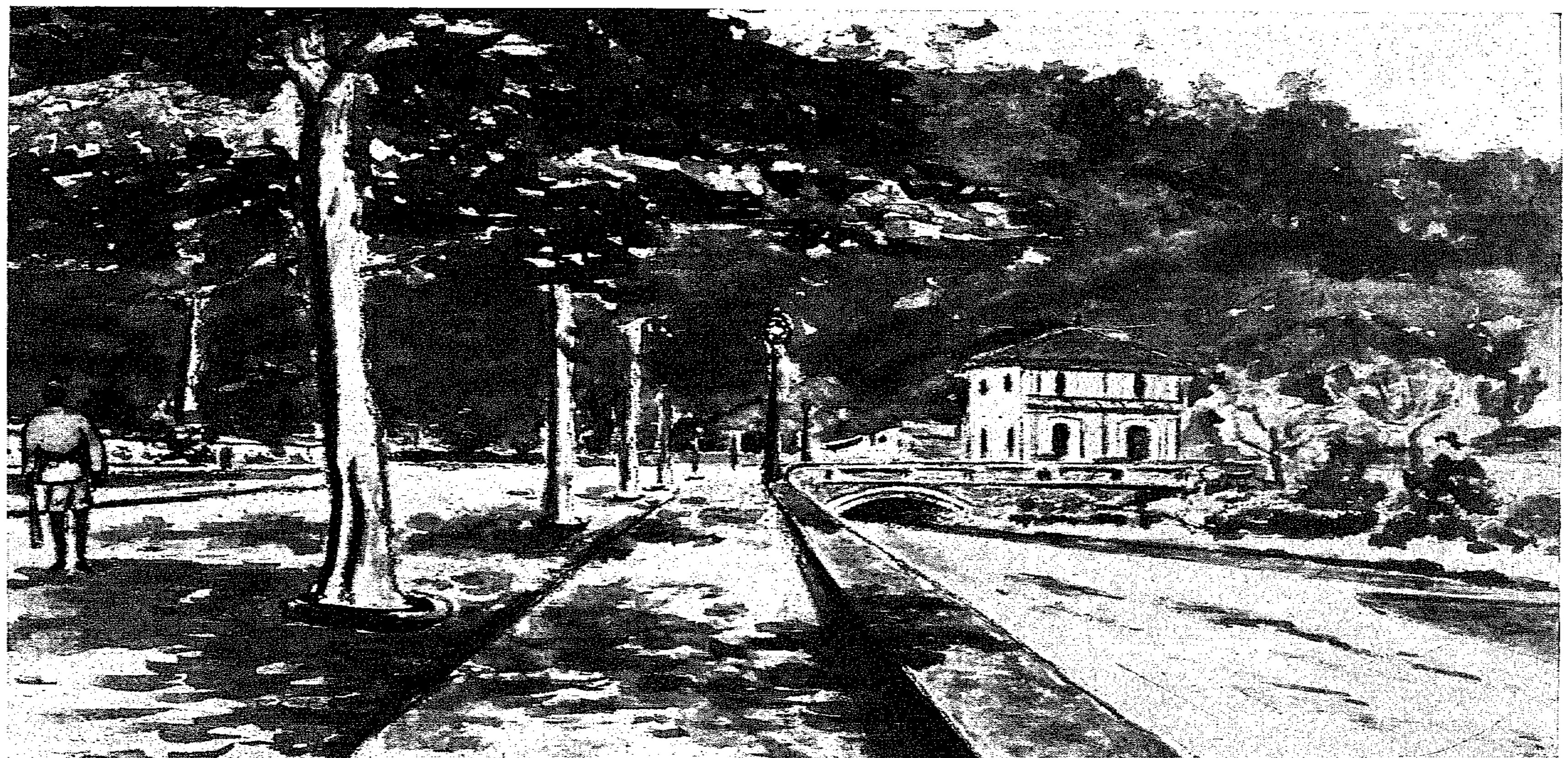
S. Tomé — Roça Água Izé — Bôca do Inferno

S. Tomé — Roça Água Izé — Serviçal moçambicano esculpindo em madeira



S. Tomé — Roça Água Izé — Maternidade

S. Tomé — Roça Água Izé — Caldeiras de aquecimento para a secagem do cacau



Ilha do Príncipe

(*Aguarela de J. Bretes*)

S. Tomé — Roça Guégue — Cascata

S. Tomé — Aspecto da costa sul da Ilha

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO CRUZEIRO DE FÉRIAS, PRONUNCIADO PELO PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE S. TOMÉ, CONSTÂNCIO VIGÔÇO DUARTE

Nunca nesta sala, nem nesta Ilha, se reuniu tão grande número de pessoas ilustres e tão cultas como a assistência que nos rodeia.

Êste feliz acontecimento ficará bem marcado na história dêste Município e na alma dos munícipes; mas, em contraste, vem saüdar-vos em nome do nosso Povo um antigo colóno dos menos eruditos e que lamenta não saber traduzir — embora os sinta — o contentamento e a alegria dêste pôvo por vos ter hoje dentro do seu seio, lamentando que seja por tão pouco tempo.

Se me fôsse permitido declinar a honra que o meu cargo me comete, fá-lo-hia com vantagem para V. Ex.as.

É porém, a mim, que compete fazê-lo; e por isso, escudado na vossa benevolência atrevo-me a ler-vos a minha pobre oração que, pela minha reconhecida insuficiência e pelo exíguo tempo de que dispomos, se limita a apresentar-vos as saüdações do Povo de São Tomé, que eu aqui represento, e com o qual ides confraternizar algumas horas; dessa confraternização e de todo o vosso Cruzeiro, desejava eu e todos nós que em V. Ex.as ficasse a impressão de que as terras de África e, especialmente a que hoje pisam, não merecem o terrôr que, àcêrca delas, ainda em muitos se abriga.

A Colónia de São Tomé e Príncipe, na mente de muitos que a não viram, são duas ilhas negras, calcinadas pelo sol tropical, só próprias para castigar condenados.

Vão V. Ex.as espalhar-se por esta Ilha, a maior das duas, e terão ocasião de verificar que, em verdadeiro contraste do que muitos julgam, esta terra é linda, verdejante e florida, nem sequer lhe faltando os murmúrio dos regatos. Faltam só os poetas para a cantar.

Quem sabe se dentre os novos que nos visitam, algum virá preencher esta falta?

Oxalá que assim seja, pois certamente alguns cá virão parar; uns já senhores Doutores, outros com os seus galões, etc., e serão êles, os novos, os orientadores

futuros desta terra a quem tanto queremos e que tão pródiga tem sido para os colónos que a têm procurado.

O colóno que vos fala conta 42 anos desde que desembarcou nesta Ilha a primeira vez.

Descrever o que ela era nesse tempo não é tarefa fácil nem possível nos poucos momentos de que dispomos. Só direi que mesmo na Cidade existiam pantanos, nos lugares onde hoje se vêm modestos mas alegres jardins.

Tudo nós fizemos com auxílio da Natureza tão pródiga nas regiões equatoriais. Está pois tudo modificado para melhor. Foram grandes os nossos sacrifícios, mas os que vierem abençoarão a nossa obra e colherão os frutos do nosso sacrifício.

Eu e os meus contemporâneos realisámos o que foi possível fazer-se a camartelo. Agora que venha a arte, a ciência, a engenharia e também as letras, que vós representais, embelezar a obra que nós modelámos guiados por alguns dos mais notáveis intelectuais da história contemporânea, desde o bohemio Pad-Zé ao idealista e grande tribuno António José de Almeida, que já terminaram a sua história; e desde Eduardo Augusto Sousa Monteiro a Avelino de Oliveira Leite que hoje exercem os mais altos cargos na Magistratura Portuguesa; Engenheiro Ezequiel de Campos e tantos outros com quem muito privei e de todos me recordo com saüdade. Todos nos guiaram e deram o seu concurso para a obra realisada e também muito amaram e amam esta nossa terra portuguesa a quem eu tanto quero; e quero-lhe tanto que quando tenho de viajar, ao deixar esta terra, onde passei dois terços da minha vida, sinto a mesma saüdade que ao deixar a minha terra natal. E na ida ou na volta a esteira em que o paquete navega julgo-a um simples traço de união entre duas terras minhas; minhas porque são de Portugal e eu sou português.

DISCURSO

DE AGRADECIMENTO DO DIRECTOR DO CRUZEIRO,

DR. AUGUSTO CUNHA,

NA CAMARA MUNICIPAL DE S. TOMÉ,

NO ACTO DA ENTREGA DO EXEMPLAR DOS «LUZÍADAS» OFERECIDO PELO SENHOR MINISTRO DAS COLÓNIAS

Senhor Governador de S. Tomé

Em nome de todos os que me acompanham, verdadeiros portugueses, bons portugueses que quiseram ficar conhecendo Portugal em tôda a sua extensão e em todo o seu valor, que preferiram, como outróra os nossos primeiros navegadores, arrostar com todas as lendas tenebrosas que ainda hoje se avolumam e se propagam àcêrca destas paragens, a ficar còmodamente no continente fazendo côro geral com os maus propagandistas, os pessimistas e os rotineiros, eu apresento a V. Ex.ª e portanto a tôda a Colónia que tão galhardamente, tão hospitaleiramente, numa palavra, tão portuguêsmente, nos recebe, as nossas saüdações.

É interessante notar que nesta cruzada de exaltação patriótica, quanto mais nos afastamos da metrópole e maior é a distância que dela nos separa, perante cada colónia que fraternalmente nos abraça, mais perto nos sentimos do coração de Portugal, maior vai sendo o orgulho de sermos portugueses, porque maior vai sendo a comunhão entre todas as parcelas do nosso império, que pelo espírito, vamos assim mais radicalmente unindo entre si.

Pena é que não tenham podido acompanhar-nos todos aqueles que connosco desejavam vir, todos os que teriam vindo dar ainda maior brilho a esta embaixada, que consegue trazer às Colónias alguns dos melhores valores mentais de Portugal.

É porém com desvanecido orgulho e um profundo reconhecimento que jàmais se apagará do meu coração, que vejo neste Cruzeiro alguns nomes que só por si, pela sua presença, ou pela sua valiosa colaboração, dariam o maior brilho ao mais apagado dos empreendimentos.

A missão cultural dêste Cruzeiro, vai ter nesta Colónia, graças às facilidades que V. Ex.ª Sr. Governador e todos os grandes proprietários que tão patriòticamente a têm desenvolvido nos proporcionaram, um dos melhores campos de acção, uma das suas etapas mais úteis, mais produtivas e de mais perduráveis resultados.

Compreenderam bem V. Ex.as o objectivo e as intenções dêste Cruzeiro, o seu valor, como início e ponto de partida, para uma obra de propaganda prática e directa, para um movimento activo e decidido de aproximação entre as Colónias e a Metrópole, entre todas as províncias de Portugal, através daqueles que melhor e a mais longo prazo a podem fomentar — os professores que nos acompanham e os estudantes que hão de ser os professores, os engenheiros, os médicos, os futuros dirigentes, os homens de àmanhã.

Compreenderam bem V. Ex.as que a época que atravessamos não se compadece de platonismos, de verbalismos, de estudos a distância, no meio dum verdadeiro desconhecimento recíproco dos valores e das possibilidades entre as diversas partes do Mundo Português.

A época é de acção, de obras norteadas sempre por um sentido prático, de acção directa, de resultados imediatos, certos, seguros, que nada possa diluir ou desvanecer.

Por tudo isto, pela valiosa colaboração com que V. Ex.as quiseram honrar êste empreendimento, tornando a visita a esta Colónia um dos mais úteis e proveitosos padrões desta Cruzada de patriotismo e de acção, eu apresento a V. Ex.ª e a todos os seus habitantes, em nome dos duzentos portugueses que me acompanham, as mais sinceras, mais veementes e mais respeitosas saüdações, e, como Director dêste Cruzeiro, a minha mais profunda e comovida gratidão.

DISCURSO, PROFERIDO PELO GOVERNADOR DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE, CAPITÃO RICARDO VAZ MONTEIRO

Senhores Directores do Cruzeiro
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Seja bemvinda a ilustre embaixada de Portugal Continental.

Os meus agradecimentos ao Senhor Dr. Augusto Cunha pelas saüdações que me dirigiu e ao povo de S. Tomé.

A presença de tão numerosa e distinta Cruzada, nestas paragens longínquas da terra portuguesa, vem afirmar iniludìvelmente os propósitos nacionalistas do Estado Novo e do Govêrno da Nação. Vem trazer-nos a simpatia afectuosa da Mãe-Pátria, a convicção segura de que ela não esquece as suas colónias; e que Portugal Continental e o Império formam um todo único e indestrutível.

É louvável a iniciativa de «O Mundo Português», merecendo o aplauso de todos os patriotas que desejam provar ao mundo, com factos reais, quanto nos interessa o património colonial da Nação.

E nesta hora de intranqüilidade internacional, a viagem patriótica e de estudo do Cruzeiro de Férias fará vibrar a alma juvenil dos estudantes, despertar o sentimento patriótico de todos os portugueses, no sentido de se defender e fortalecer a integridade do Império Colonial que é honra e glória do nosso passado, e esperança do nosso futuro.

*
* *

S. Tomé tomou um aspecto festivo e alegre para receber, com a sua natural hospitalidade, os estudantes, os professores, os oficiais do exército e da armada, os titulares, os artistas, e as senhoras que vieram emprestar ao Cru-

zeiro a sua graça e o seu encanto, e dar o maior exemplo de quanto é capaz a mulher portuguesa no amor à causa nacional.

Da lição prática de coisas coloniais que os estudantes podem receber em S. Tomé, além de paìsagens encantadoras, vegetação luxuriante, danças dos nativos ou filhos da terra, presteza dos angolares nas suas frágeis canoas, terão ocasião de observar o extraordinário esfôrço dispendido pelos nossos antepassados na valorização da ilha, ùnicamente com portugueses e capitais portugueses.

As roças são verdadeiras escolas de agricultura, de artes e ofícios. A assistência hospitalar é única no mundo inteiro.

A vossa observação directa, durante as visitas às roças, será inteiramente convincente e excederá a espectativa de muitos.

*

* *

Aos Srs. Directores do Cruzeiro quero agradecer a gentileza do encargo que aceitaram em me entregar o exemplar de «Os Lusíadas» que o Ex.mo Senhor Ministro oferece à colónia de S. Tomé e Príncipe.

E com as minhas saüdações a Suas Ex.as os Senhores Presidente da República, Presidente do Conselho e Ministro das Finanças, e Ministro das Colónias, dirijo sinceros agradecimentos, em meu nome e no de tôda a população da colónia, ao ilustre titular da pasta das colónias, pela oferta do poema épico de Camões em cujas estâncias se cantam os feitos dos varões ilustres lusitanos que desvendaram mares e continentes, dilataram a Fé e o Império, e ergueram Portugal à sua maior altura e grandeza.

S. Tomé, 26 de Agosto de 1935.

DISCURSO DE SAÜDAÇÃO

AO CRUZEIRO, PRONUNCIADO PELO PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RECEPÇÃO NA ILHA DO PRÍNCIPE

HELIODORO MONTEIRO DE CASTRO

Meus senhores e minhas senhoras

Saúdo-vos com o amor e carinho que dedico ao meu — nosso — Portugal, porque sois de facto dignos representantes dessa Pátria tão amada mas infelizmente tão mal servida na sua porção africana.

Europeus e Africanos, somos todos filhos legítimos de Portugal, e só assim considerados poderemos, irmãmente colaborar na obra sagrada da construção do Portugal-Maior, cumprindo assim as aspirações máximas dos heróis, navegadores e sábios colonizadores que formaram a esplendida élite — jámais igualada — que no passado construiu os alicerces de aço em que hoje assenta a Nação Portuguesa.

É preciso que duma vez para sempre se apague, do espírito de muitos, a idéia falsa e inconsistente de que existem aspirações separatistas da parte da raça negra do nosso Portugal.

O separatismo, senhores, é o papão com que alguns aventureiros procuram captar a simpatia e o apoio dos bons e sãos portugueses, como cobertura a um proceder indigno, verdadeira traição à Pátria Portuguesa.

O que existe, senhores, é o amor e gratidão por Portugal, amor que se revela em todos os instantes e gratidão que transpira em todas as manifestações dos afro-portugueses.

Minhas senhoras e meus senhores!

Viestes às terras portuguesas de África, e vistes com que carinho fostes recebidos por todos, brancos e pretos, porque em todos vibra o coração de português.

Nós os afro-portugueses não queremos exclusivismo para nós, não aceitamos, também, ser excluidos da vida da Nação que a todos pertence, porque não há enteados, mas sómente filhos legítimos de Portugal.

Êstes bens materiais que vêdes, senhores, são frutos da estreita e íntima colaboração de brancos e pretos que, com igualdade de sacrifícios, por espaço de mais de quatro séculos, se esforçaram sempre por ilustrar o nome de Portugal.

A Nação Portuguesa é só uma, o Povo Português tem de ser também um só, formado de todas as raças da Nação, confraternizadas.

A unidade existirá logo que todos se empenhem na formação de Portugal-Maior, com a verdade que iluminará a Fé inquebrantável no nosso destino comum, e a lealdade que será a cadeia de bronze da nossa união colectiva.

Para que se faça a educação das populações africanas, levantando-lhes o nível intelectual e moral, torna-se indispensável a criação dum corpo de funcionários com a instrução necessária, uma educação perfeita e qualidades morais reconhecidas, proporcionando-se aos afro-portugueses as possíbilidades de, também, fazerem parte dêste corpo de élite.

Cada funcionário tem de ser um educador, sempre pronto a corrigir e a aconselhar, e nunca um corruptor sempre prestes a castigar.

Colonizar tem de ser sinónimo de civilizar.

Governar, as chamadas colónias, é mais que administrar, é formar novos cidadãos para Portugal-Maior.

Ao chegardes a Portugal-Metrópole transmitireis aos portugueses brancos, minhas senhoras e meus senhores, com as nossas saüdações fraternais, a certeza e a ânsia com que os seus irmãos negros aguardam a formação de Portugal-Maior, uno, indivisível e indestrutível.

Tenho dito.

DISCURSO

DE AGRADECIMENTO PRONUNCIADO NA ILHA DO PRÍNCIPE

PELO DIRECTOR DO CRUZEIRO, DR. AUGUSTO CUNHA

Minhas senhoras e meus senhores

Há muito já, desde que toquei no primeiro porto português ultramarino, que esqueci os dissabores e as canceiras da organização dêste Cruzeiro e me senti bem compensado de todo o esfôrço para o realizar.

Efectivamente ao ver que êsse esfôrço, não só foi bem interpretado, mas aplaudido e secundado com sincero entusiasmo por todos os que nos têm acolhido, eu sinto o maior confôrto, a maior compensação moral que podiam ter ambicionado as intenções de sincero patriotismo que nortearam sempre e unicamente êste empreendimento, do qual nenhuns outros benefícios — sabem-no bem todos os que me ajudaram a realizá-lo — podia esperar ou desejava.

Na época utilitária de desenfreadas cobiças, de vorazes ambições, de ferozes egoísmos, que atravessamos, poderá parecer estranho, ridículo mesmo, que alguém possa pensar assim.

Mas a explicação é simples.

É que além de ter sempre na vida pôsto acima do interêsse individual, o interêsse do meu país —, e é por isso que não sou, nem espero ser rico — guiei-me neste caso pelos exemplos —, de que há muito tinha conhecimento e que como português me sensibilizavam — de todos aqueles que em terras de África, têm trabalhado, têm lutado, têm pôsto acima de tudo o nome de Portugal, por vezes desacompanhados, desajudados, através de todas as calamidades, de todos os revezes, de tôdas as dificuldades e obstáculos, sem se deixarem vencer pelo desalento, com uma persistência, uma tenacidade e uma teimosia que só um sentimento elevado e nobre, só um forte, um indestrutível e desinteressado patriotismo, pode explicar.

Porque não trazer portanto a todos êsses bons portugueses um abraço fraternalmente amigo, um novo alento, o confôrto moral da certeza de que umas centenas de portugueses que vêm apreciar de perto o seu valor e o seu esfôrço, irão depois fazer-lhes inteira justiça por todos os recantos de Portugal?

Porque não procurar trazer-lhes, para que possam avaliar bem o que merece o trabalho do colono português desde os dias da ocupação, os jornalistas, os escritores, os intelectuais, que vieram connosco da metrópole e que no regresso irão decerto contribuir para que decisivamente termine o desinterêsse que em certos sectores existe ainda, a-pesar-de todas as propagandas, àcêrca das colónias, das suas possibilidades, do seu valor, das suas urgentes necessidades; para que os jornais comecem mais desenvolvidamente a tratar dos problemas coloniais de mais instante e urgente resolução, para que, enfim, a opinião pública por êles se interesse considerando-os, como é necessário, problemas vitais para o país?

E finalmente, porque não trazer-lhes, como trago, alguns dos melhores valores em todos os campos da actividade nacional; e os professores que vão formar o espírito dos homens de amanhã e os estudantes de tôdas as escolas, de todos os gráus e ramos de ensino, para cujas mentalidades em formação esta viagem, êste contacto com as realidades coloniais, poderá ser da maior utilidade para êles, para as colónias e para o país?

Foram estas, em síntese, as intenções dêste Cruzeiro e a-pesar das deficiências e das imperfeições duma primeira tentativa, procurarei por tôdas as formas que os seus resultados sejam aqueles que inicialmente ambicionei e que é justo, necessário e urgente tirar desta viagem: A maior expansão e propaganda, em todos os meios da metrópole, das realidades coloniais, do seu valor, das suas possibilidades, da sua situação actual, das suas aspirações. Se o conseguir, creiam V. Ex.as que me darei por largamente compensado do esfôrço que despendi.

É êste o último porto colonial português em que faz escala o Cruzeiro e aquele que pela beleza natural desta ilha incomparável, ilha de sonho, mais viva impressão em todos vai deixar.

Êste verdadeiro jardim brotando das águas, dando-nos a impressão de que no vasto deserto oceânico foi o oasis propositadamente criado para repouso compensador da árdua tarefa dos nossos arrojados navegadores, é para nós, também, aquele de que mais inapagável recordação de beleza nos fica desta viagem; e, pelo fraterno acolhimento de todos os seus habitantes, expontânea e carinhosa simpatia com que nos receberam, o que mais profundamente nos ficará gravado no coração.

Em nome de todos os que me acompanham, os meus mais sinceros agradecimentos.

BIBLIOGRAFIA
COLONIAL PORTUGUESA

SUBSIDIOS PARA UMA BIBLIOGRAFIA DE S. TOMÉ E PRINCIPE

Publicados já os elementos respeitantes a Cabo Verde e Guiné que, através de paciente revista, compilámos para subsídio à organização de uma Bibliografia Colonial Portuguesa, damos neste número, inteiramente consagrado a S. Tomé e Príncipe, a continuação do nosso trabalho, na parte que toca às duas pequenas ilhas do Golfo da Guiné.

Importante e rica, especialmente sob o ponto de vista científico, é a lista das obras dadas à estampa sôbre a mais perfeita colónia de exploração agrícola do Império Português; e por isso julgamos que da nossa tentativa, sem pretensões a catálogo completo e definitivo, alguma utilidade advirá para os estudiosos e para o fim a que nos propuzemos.

1 — **Ilha (A) de S. Tomé** — *Silva Viana.* 1905. Lisboa.

2 — **Ilha (A) de S. Tomé** — *Campos Melo (Alberto).* 1904. Coimbra.

3 — **Ilha (A) de S. Tomé** — *Campos (Ezequiel de).* 1908. Lisboa.

4 — **Ilha de S. Tomé** — *Biker (Júdice).* 1898. Lisboa. in R. P. C. M., ano I, n.os 4 e 5.

5 — **Cartas de S. Tomé** — *Campos (Ezequiel de).* 1904. Lisboa. in jornal «O Tempo» n.os 214, 232, 236, 237, 240, 243, 244, 260, 261, 262 e 263.

6 — **S. Tomé (Conferência)** — *Campos (Ezequiel de).* 1908. Lisboa. S. G. L. in Bol. Série 27.a, IV.

7 — **Descrição da Ilha de S. Tomé** — *Albano (António Marques da Conceição).* Lisboa. in A. C. vol. III, pag. 1.

8 — **Viagem à ilha de S. Tomé em 1899** — *Massui (Th.).* in R. P. C. M.

9 — **Relatório sôbre uma viagem a S. Tomé** — *Strunk (Dr.).* 1906. Lisboa. S. G. L. in Bol. Série 24.a, pag. 97.

10 — **Island (The) of São Tomé** — *Barus (Alexander).* 1929. Dezembro. in A. W. Supl.

11 — **Bilder von S. Tomé** — *Freyberg (Hermann).* 1930. in Der Kolonialfreund. ano 8.º pp. 140-141.

12 — **Portugal und seine Colonien** — *Minutoli (J.).* 1805. Stuttgard.

13 — **No Jardim do Equador** — *Quintinha (Julião).* Cap. da obra «África Misteriosa» 1928. Lisboa.

14 — **Encanto (O) do Principe** — *Quintinha (Julião).* Cap. da obra «África Misteriosa» 1928. Lisboa.

15 — **Pérola (A) do Atlântico** — *Babo (Carlos).* 1915. S. Tomé.

16 — **Terras de África** — *Muralha (Pedro).* 1925. Lisboa. 2 vols.

17 — **Angola, Moçambique, S. Tomé** — *Rates*

(J. Carlos). 1929. Lisboa. p. 111 a 124.

18 — Impressões de uma viagem à ilha de S. Tomé — *Almeida (J. E. Carvalho de).* 1911. Lisboa.

19 — Terceira viagem à ilha de S. Tomé e primeira viagem à ilha do Príncipe — *Almeida (J. E. Carvalho de).* 1913. Lisboa.

20 — Quarta e quinta viagem à ilha de S. Tomé e segunda viagem à ilha do Príncipe (culturas e adubos) — *Almeida (J. E. Carvalho de).* 1914-1915. Lisboa.

21 — Impressões de uma viagem às ilhas de S. Tomé e Príncipe — *Cancela (J. Paulo Monteiro).* 1901. Lisboa. S. G. L. in Bol. Série 19.ª, IV a VI.

22 — Ilhas (As) de S. Tomé e Príncipe desconhecidas (conferência) — *Monteiro de Mendonça (Henrique J.)* 1918. Lisboa.

23 — Província (A) de S. Tomé e Príncipe e as suas dependencias — *Ferreira Ribeiro (Manuel).* 1877. Lisboa.

24 — Descrição da ilha do Príncipe — *Albano (António Marques da Conceição).* Lisboa. in A. C., vol. III, pag. 6.

25 — Insel (Die) São Tomé — *Greeff (R.).* 1884. in P. G. M. t. IV.

26 — Ilha do Príncipe — *Carneiro (Jerónimo).* 1929. Lisboa. A. G. C. in Bol. XLIII.

27 — Insel (Die) Rolas — *Greeff (R.).* in P. G. M.

28 — Viagem (Uma) ao estabelecimento português de S. João Baptista de Ajudá na costa da Mina em 1865 — *Correia da Silva (Carlos Eugénio).* 1866. Lisboa.

29 — S. João Baptista de Ajudá — *Sampaio (A. N. Pereira).* 1895. Lisboa.

30 — Estudos sôbre as províncias ultramarinas — *Andrade Corvo.* 1883-1887. Lisboa. vol. I pp. 97 a 144.

31 — Ensaios sôbre a estatística das possessões portuguesas — *Lopes de Lima (J. J.).* 1844. Lisboa. Livro II.

32 — Nosso (O) património colonial — *Vasconcelos (Ernesto de).* 1918. Lisboa.

33 — Portugal Colonial — *Vasconcelos (Ernesto de).* 1918. Lisboa.

34 — Colónias (As) portuguesas — *Vasconcelos (Ernesto de).* 1921. Lisboa. p. 179-272.

35 — Portugal e as Colónias Portuguesas — *Almeida (Fortunato de).* 1920. Lisboa. p. 183-207.

36 — Brasil (O) e as Colónias Portuguesas — *Oliveira Martins.* 1920. Lisboa.

37 — Navegação de Lisboa à ilha de S. Tomé. 1555 — *Um piloto português (Escrita originalmente por)* Trad. do italiano. 1821. Lisboa. in C. N. H. G. N. U., t. II.

38 — Estabelecimentos e resgates portugueses na costa ocidental de África em 1607 (colecção de documentos) — *Cordeiro (Luciano).* 1881. Lisboa. in M. U.: Viagens, Explorações e Conquistas dos portugueses.

39 — Breve notícia sôbre a cultura da canela na ilha de S. Tomé — *Sousa Viterbo.* Op.

40 — Epítome histórico das Ilhas de S. Tomé e Príncipe — *Bento da Fonseca (Joaquim).* 1836. Lisboa. in M. U. M.

41 — Província (A) de S. Tomé e o golfo de Benim — *Castilho (Augusto de).* 1928. Lisboa. S. G. L. in Bol. Série 45.ª, pag. 777.

42 — Portugal no Dahomé — *Sarmento (Augusto).* 1891. Lisboa.

43 — Dahomé — *Silva Curado (A. D. Cortês da).*

44 — Dicionário Geográfico das províncias e possessões portuguesas — *Sousa Monteiro (M. de).* 1850. Lisboa. 1 vol.

45 — Corografia histórica das ilhas de S. Tomé, Príncipe, Ano Bom e Fernão do Pó — *Cunha Matos (Raimundo José da).* 1842. Porto. 1905. S. Tomé.

46 — Corografia histórica das ilhas de S. Tomé, Príncipe, Ano Bom e Fernando Pó (apendix à) — *C. M. (B. L. da).*

47 — Ile de San-Tomé, — avec cartes — *Almada Negreiros.* 1901. Paris.

48 — Observações sôbre o magnetismo terrestre na ilha de S. Tomé — *Capello (G. A. de Brito).*

49 — Ilha de S. Tomé — Resumo das principais observações meteorológicas executadas... desde 1872 a 1880-1881. fol.

50 — Dialectos (Os) romanicos ou neo-latinos na África, Ásia e América — *Coelho (Adolfo).* 1882. Lisboa. S. G. L. in Bol. Série 3.ª VIII.

51 — História Etnográfica da ilha de S. Tomé — *Almada Negreiros.* 1895. Lisboa.

52 — Sôbre alguns costumes de S. Tomé — *Silveira Magalhães (F. R.).* 1903. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 21.ª III e VIII.

53 — Breve (Um) esboço dos costumes de S. Tomé e Príncipe — *Castro e Morais (A. M. de Jesus).* 1901. Lisboa.

54 — Investigação (A) científica nas Colónias Portuguesas — *Ferraz de Carvalho (A.).* 1929. Lisboa. A. G. C. in Bol. XLIII.

55 — Rapport sur une mission scientifique à l'île de S. Thomé — Golfe de Guinnée — *Gravier (Ch.).* 1907. Paris. in N. A. M. S. t. XV.

56 — Ilha (A) de S. Tomé — *Chevalier (Augusto).* Trad. de João Farmhouse. 1906. Lisboa.

57 — Explorations (Les) zoologiques des Portugais dans les îles du Golfe de Guinée — *Girard (Alberto A).* in P. A., vol. II, pag. 809.

58 — Sur la Thyrophorella thomensis Greef — *Girard (Alberto A.).* 1895. Lisboa. J. S. M. P. N., Série 2.ª n.º XIII.

59 — Contribution à la faune des quatre îles du Golfe de Guinée — *Barbosa du Bocage (J. V.).* in J. S. M. P. N., Série 2.ª n.os XXV e XXVI.

60 — Breves considerações sôbre a fauna de S. Tomé — *Barbosa du Bocage (J. V.).* in J. S. M. P. N., Série 2.ª n.º II.

61 — Poissons (Les) d'eau douce des îles du Golfe de Guinée — *Osório (Baltazar).* Lisboa. in. J. S. M. P. N. Série 2.ª, n.º XIII.

62 — Nova contribuição para a fauna carcinológica da ilha de S. Tomé — *Osório (Baltazar).* Lisboa. in J. S. M. P. N. Série 2.ª, n.º VII.

63 — Distribuição (Da) geográfica dos peixes e crustáceos colhidos nas possessões portuguesas da África Ocidental e existentes no Museu Nacional de Lisboa — *Osório (Baltazar).* Lisboa. in J. S. M. P. N. 2.ª Série 2.ª n.º XIX.

64 — Note sur quelques espèces de crustacés des îles S. Thomé, du Prince et Ilheo das Rolas — *Osório (Baltazar).* Lisboa. in J. S. M. P. N. Série 2.ª n.º V.

65 — Note sur quelques espèces de crustacés de l'île St. Thomé, ilot das Rolas et Angola — *Osório (Baltazar),* Lisboa. in J. S. M. P. N., Série 2.ª n.º VI.

66 — Notícia sôbre duas espécies africanas de crustáceos parasitas — *Osório (Baltazar).* Lisboa. in J. S. M. P. N. Série 2.ª, n.º XI.

67 — Liste des crustacés des possessions portugaises d'Afrique occidentale dans les collections du Museum d'histoire naturelle de Lisbonne — *Osório (Baltazar).* Lisboa. in J. S. M. P. N. n.os XLIV e XLVII.

68 — Contribution à la faune malacologique de l'Afrique tropicale — Description des mollusques nouveaux de l'île du Prince et de l'Afrique occidentale — *Germain (L.)* 1907. M. H. N. in Bol. n.º 5.

69 — Exploração científica da ilha de S. Tomé — Conchas terrestres e marinhas recolhidas pelo sr. Adolpho Moller na ilha de S. Tomé em 1885 — *Nobre (Augusto).* 1886. Lisboa. S. G. L. in Bol. Série 6.ª. IV.

70 — Contribuições para a fauna malacológica da ilha de S. Tomé — *Nobre (Augusto).* 1911 Coimbra.

71 — Indicações de algumas espécies que devem ser acrescentadas à fauna ichtyológica da ilha de S. Tomé — *Osório (Baltazar).* Lisboa. in J. S. M. P. N. Série 2.ª n.º XXVII.

72 — Remarques sur la faune malacológique marine des possessions portugaises de l'Afrique Occidentale — *Nobre (Augusto).* 1887. in J. S. M. P. N. n.º XLVI.

73 — Contribuição para a fauna malacológica da ilha de S. Tomé — *Nobre (Augusto).* in Instituto vol. XXXVIII.

74 — Contribuição para a fauna malacológica das possessões portuguesas da África Occidental — *Nobre (Augusto)*, 1901. Porto. in A. S. N., vol. III.

75 — Materiaux pour l'etude de la faune malacologique des possessions portugaises de l'Afrique Occidentale — *Nobre (Augusto)*. 1909. Lisbonne. S. P. S. N. in Bol. Vol. III, Sup. 2.

76 — Revision de la faune malacologique des iles de St. Thomé et du Prince — *Girard (Alberto A.)*. in J. S. M. P. N., Série 2.ª, n.os IX e X.

77 — Note sur le «Dendraspis» de l'ile S. Thomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. in J. S. M. P. N., Série 2.ª, n.º VIII.

78 — Note sur la Phaeospiza thomensis — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. 1888. in J. S. M. P. N., n.º XLVII.

79 — Sur une variété de «Phyllorhina Commessoni» de l'ile de St. Thomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. in J. S. M. P. N., Série 2.ª, n.º VI.

80 — Chiroptères de l'ile St. Thomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. in J. S. M. P. N., Série 2.ª, n.º III.

81 — Sur une espèce à ajouter à la faune erpétologique de St. Thomé et Rolas — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. in J. S. M. P. N., Série 2.ª, n.º V.

82 — Reptis e anfíbios de S. Tomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. 1886. in J. S. M. P. N., n.º XLII.

83 — Notes sur les amphibiens et reptiles recueillis par M. Adolf F. Moller aux iles de la Guinée — *Bedriaga (J.)*. Coimbra. in Instituto, vol. XXXIX.

84 — Sur un mammifère nouveau de l'ile de S. Thomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. 1887. in J. S. M. P. N., n.º XLIV.

85 — Ratos (Os) na ilha de S. Tomé — Maneira de exterminá-los — *Almada Negreiros*. 1899. Lisboa. in R. P. C. M., ano III, pag. 30.

86 — Doninha (A) da ilha de S. Tomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. 1895. in J. S. M. P. N., Série 2.ª, n.º XIII.

87 — Ainda a doninha de S. Tomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. 1895. in J. S. M. P. N., Série 2.ª, n.º XIII.

88 — Insectos de S. Tomé classificados pelo dr. M. Paulino de Oliveira — *Lopes Vieira (Adriano Xavier)*. in Instituto, vol. XXXIV.

89 — Aranhas de S. Tomé examinadas e determinadas pelo professor Bertkau — *Lopes Vieira (Adriano Xavier)*. in Instituto, vol. XLI.

90 — Contributions à l'étude des chilopodes de l'ile de S. Tomé — *Verhoeff (C.)*. in Instituto, vol. XI.

91 — Myriapodes (Les) d'Afrique dans le Museum de Lisbonne — *Matoso dos Santos (F.)*. Lisboa. J. S. M. P. N., vol. VIII.

92 — Aves da ilha de S. Tomé — *Lopes Vieira (Adriano Xavier)*. 1887. Coimbra.

93 — Aves de S. Tomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. 1887. Coimbra. in Instituto.

94 — Aves da ilha de S. Tomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. in J. S. M. P. N., Série 2.ª, n.º III.

95 — Oiseaux de l'ile de St. Thomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*.

96 — Oiseaux nouveaux de l'ile de St. Thomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. 1887. in J. S. M. P. N., n.º XLIV.

97 — Oiseaux nouveaux de l'ile de St. Thomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. 1888. in J. S. M. P. N., n.º XLVIII.

98 — Sur deux espèces à ajouter à la faune ornithologique de S. Thomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. in J. S. M. P. N., Série 2.ª, n.º II.

99 — Sur quelques oiseaux de l'ile de St. Thomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. 1888. in J. S. M. P. N., n.º XLVII.

100 — Sur un oiseau nouveau de St. Thomé de la Famille Fringillidae — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. 1888. in J. S. M. P. N., n.º XLVII.

101 — Aditamento à fauna ornithológica de S. Tomé — *Barbosa du Bocage (J. V.)*. 1887. in J. S. M. P. N., n.º XLVI.

102 — Enumeração das aves conhecidas da ilha de S. Tomé, seguida da lista das que existem no Museu de Lisboa — *Sousa (J. Augusto de)*. Lisboa. in J. S. M. P. N., vol. XII.

103 — Nota sôbre as esponjas de S. Tomé examinadas e determinadas por W. Welter — *Moller (A. F.)*. 1894. Porto. in A. S. N.

104 — Notícia àcêrca dos produtos zoológicos trazidos da ilha de S. Tomé para o Museu zoológico da Universidade de Coimbra pelo sr. Adolfo Moller em 1885 — *Lopes Vieira (Adriano Xavier)*. in Instituto, vol. XXXIV.

105 — Contribuições para o estudo da flora de África — Catálogo das plantas de S. Tomé — *Henriques (Julio Augusto)*. 1888. Coimbra.

106 — Plantas úteis da Africa Portuguesa — *Ficalho (Conde de)*. 1884. Lisboa.

107 — Exploração Botânica de S. Tomé — *Henriques (Julio Augusto)*. 1886. Lisboa. S. G. L. in Bol. Série 6.ª, I.

108 — On the plants of temperate regions of the Camerons mountains and islands in the Bight of Benin collected by M. C. Mann — *Hooker (J. D.)*. London. L. S. P., vol. VII.

109 — Estudo sôbre as madeiras de construção da ilha de S. Tomé — *Castro (José Fortunato)*. 1894. Tavira.

110 — Sur quelques parasites des cacaoyers à S. Thomé — *Gravier (Ch.)*. 1907. M. H. N., in Bol. n.º 3.

111 — Etude sur les maladies et parasites du cacaoyer et d'outres plantes cultivées à S. Tomé. (Rapport pour le Gouvernement de la Colonie) — *Seabra (Armando)*. 1919.

112 — Plus (Les) graves maladies du cacaoyer à S. Thomé — *Almeida (José de)* e *Mendes (A. Canas)*. 1910. Lisbonne.

113 — Observations biologiques sur la larve d'un papillon (Zeuzera sp. ?) qui attaque les cacaoyers à S. Thomé — *Gravier (Ch.)*. 1907. M. H. N., in Bol. n.º 2.

114 — Unter suchungsergebnisse uber nichtparasitare kakaokrankeiten in SanTomé und Principe — *Kaden (Oskar F.)*. 1933. in Der Tropenflanzer.

115 — Bekampfung (Die) des Kakaothripses unter neuzeitlichen Gesichtspunkten mit Berucksichtigung der Verhaltnisse in San Tomé, Golf von Guinea — *Kaden (Oscar F.)*. 1934. in Der Tropenflanzer.

116 — Plantações (As) de Cacau em S. Tomé — *Agua Izé (Barão d')*. 1898. Lisboa.

117 — Plantações (As) de cacau nas ilhas de S. Tomé e Príncipe de 1851 a 1858 — *Sousa e Almeida (J. M. de)*. 1898. Lisboa.

118 — Cultura (A) do cacoeiro nas ilhas de S. Tomé e Príncipe — *Larcher Marçal (R.)* 1919. Lisboa.

119 — Sur un coleoptère (Sphenophuros striatus Fabr.) qui attaque les bananières à S. Tomé — *Gravier (Ch.)*. 1907. M. H. N. in Bol. n.º 1.

120 — Sur quelques maladies des quinquinas à S. Tomé — *Gravier (Ch.)*. 1907. M. H. N., in Bol. n.º 5.

121 — Cultura (A) das quinas em S. Tomé — *Moller (Adolfo Frederico)*. 1893. Lisboa. in G. F., ano XI, n.os 3 e 5.

122 — Investigações sôbre as doenças dos cafezeiros em S. Tomé — *Kaden (Oscar F.)*. 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. II.

123 — Sur quelques parasites des caféyers à S. Thomé — *Gravier (Ch.)*. 1907. M. H. N., in Bol. n.º 4.

124 — Sur les teneurs en eau et en caféine des cafés de îles de S. Tomé et du Prince — *Duarte (Candido)*. 1930. Lisboa. A. G. C., in Bol. LVIII.

125 — Culture du cacaoyer. La crise agricole actuelle de la colonie Portugaise de S. Tomé e Principe — *Cortesão (Armando Zuzarte)*. 1931. Lisbonne.

126 — Ilha (A) de S. Tomé e a agricultura progressiva — *Almeida (J. E. Carvalho de)*. 1912. Lisboa.

127 — Ilha (A) de S. Tomé sob o ponto de vista da sua exploração agricola — *Nogueira (A. F.)*. 1885. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 5.ª, VII.

128 — Ilha (A) de S. Tomé sob o ponto de vista histórico-natural e agricola — *Henriques*

(*Julio A.*). 1917. Coimbra. S. B., in Bol., vol. XXVII.

129 — **Considerações sôbre o futuro do cafezeiro em S. Tomé** — *Kaden* (*Oscar*). 1930. Lisboa. A. G. C. in Bol. LXI.

130 — **Presente (O) e o futuro das plantações em S. Tomé** — *Sousa da Camara* (*Manuel de*) e *Pereira Coutinho* (*Martinho*). 1920. Lisboa.

131 — **Organisation (L') et l'exploitation rurales de San Tomé et de l'Ile du Prince** — *Henriques* (*Julio Augusto*). 1913. Rome. B. I. E. S., in Bol. Ano 4.º, n.º 4.

132 — **Produtos agricolas e industriais da fazenda «Porto Alegre» — Novos vegetais e novas indústrias a introduzir** — *Sousa e Almeida* (*J. C. de*). 1900. Lisboa.

133 — **Sôbre a sêda do Hungo e o cacau de S. Tomé** — S. G. L., in Bol. vol XX, pag. 18.

134 — **Pecuária (A) da Provincia de S. Tomé e Principe** — *Simões* (*João José*). 1928. Lisboa. A. G. C., in Bol. XXXV.

135 — **Analise de uma amostra de petróleo em bruto da ilha de S. Tomé** — *Cardoso Pereira* (*A.*). in R. C. P. A. n.º 91.

136 — **Para a história do povoamento e da agricultura de S. Tomé** — *Lemos* (*Eduardo*). 1935. Lisboa. A. G. C., in Bol. CXVIII.

137 — **Colonisação (A) da Provincia de S. Tomé e Principe** — *Sousa e Faro* (*José de*). 1928. Lisboa. S. G. L. in Bol. Série 46.ª VII e VIII.

138 — **Ilhas (As) de S. Tomé e Principe — Notas de uma administração colonial** — *Pinheiro L. M. de Melo e Almada* (*Vicente*). 1884. Lisboa.

139 — **S. Tomé — Seis meses de govêrno e administração** — *Miranda Guedes* (*A. Pinto de*). 1911. Porto.

140 — **Trabalhos topográficos na ilha de S. Tomé** — *Campos (Ezequiel de)*. 1908. Lisboa.

141 — **Caminho de ferro do norte da ilha de S. Tomé — Elementos do projecto do 1.º troço, Cidade-Cruzeiro da Trindade** — *Campos (Ezequiel de)*. 1908. Porto.

142 — **Obras publicas de S. Tomé — Plano de melhoramentos locais. Projectos de leis** — *Campos (Ezequiel de)*. 1912. Lisboa.

143 — **Obras publicas em S. Tomé e Principe — Subsidios para a elaboração e realização de um plano** — *Campos* (*Ezequiel de*). 1915. Porto.

144 — **Viação em S. Tomé** — *Campos (Ezequiel de)*. 1906. Lisboa.

145 — **Viação em S. Tomé — Memória** — *Miranda Guedes (A. Pinto)*. 1903. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 20.ª, I a VI.

146 — **Caminhos de Ferro de S. Tomé** — *Poças Leitão (Joaquim F.)*. 1926. Lisboa. A. G. C., in Bol. XI.

147 — **Portos de Ana Chaves (S. Tomé) e Santo António (Principe)** — *Moreira Rato (João)* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. XLIII.

148 — **Melhoramentos publicos na ilha de S. Tomé — I Saneamento na cidade — II Gare Maritima — III Viação** — *Campos (Ezequiel de)*. 1910. Porto.

149 — **Ilha de S. Tomé — Algumas palavras sôbre os melhoramentos de que carece** — *Russell (M. M. Wagner)*. 1905. Lisboa.

150 — **Climas (Os) e as endemias tomando por termo de comparação a cidade de S. Tomé** *Ferreira Ribeiro (Manuel)*. 1899. S. Tomé.

151 — **Serviços (Os) de Saúde e Higiene de S. Tomé e Principe** — *Sacramento Meneses (Aires do)*. 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. XLIII.

152 — **Trabalhos sôbre a doença do sono — Saneamento, estatistica, serviços hospitalares e brigada oficial na ilha do Principe** — *Bruto da Costa (Bernardo F.)*. 1913. Lisboa.

153 — **Saneamento da Cidade de S. Tomé** — *Ferreira Ribeiro (Manuel)*. 1895. Lisboa.

154 — **Ilha (A) de S. Tomé — A questão bancária no ultramar e o novo problema colonial** — *Nogueira (A. F.)*. 1893. Lisboa.

155 — **Memorandum. — A actual crise de S. Tomé. Suas causas e seus efeitos** — 1876. Lisboa.

156 — **Crise (A) de S. Tomé e a acção dos serviços de agricultura da Colónia em 1929** — **Causas da crise de S. Tomé** — *Saraiva Vieira*. 1932. Lisboa. A. G. C. in Bol. LXXXV.
Saraiva Vieira. 1932. Lisboa. A. G. C. in Bol. LXXXIII e LXXXIV.

157 — (see above)

158 — **Crise económica de S. Tomé e Principe** — *Marino da Fonseca*. 1931. Lisboa. A. G. C.; in Bol. LXXIV e LXXV.

159 — **Estatística comercial da alfandega de S. Tomé e delegação do Principe, ano de 1915** — *Moreira (Francisco António)*. 1916. S. Tomé.

160 — **Relatório e estatistica aduaneira do ano de 1916** — *Sousa* (*José Napoleão do Sacramento e*). 1910. Lisboa.

161 — **Estatistica geral dos correios de S. Tomé e Principe, ano de 1914** — *Ribeiro* (*Adolfo Coelho*). 1916. S. Tomé.

162 — **Essai sur la main-d'oeuvre aux iles de S. Thomé e Principe** — *Almada* (*José de*). 1913. Lisbonne.

163 — **Trabalho (O) indigena nas Colónias Portuguesas** — Lisboa. 1906.

164 — **Trabalho indigena nas colónias portuguesas e regime dos serviçais de S. Tomé e Principe** — 1913. Lisboa.

165 — **Trabalho indigena na provincia de S. Tomé e Principe** — *Carvalho* (*Jerónimo Paiva de*). 1907. Lisboa.

166 — **Ilha (A) de S. Tomé e o trabalho indigena** — *Chevallier* (*Augusto*). 1907. Lisboa. separata da R. P. C. M.

167 — **Mão (A) de obra em S. Tomé** — *G. S. P. A.*, vol. XIV, pag. 135.

168 — **Mão (A) de obra para S. Tomé e Principe** *Costa Neves* (*Abel Augusto Mendes da*). 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. XLIII.

169 — **Labour in Portuguese West Africa** — *Cadbury* (*William A.*). 1910. London.

170 — **Serviçais (Os) de S. Tomé — Relatório de uma visita às ilhas de S. Tomé e Principe e a Angola, feita em 1908, para observar as condições da mão de obra empregada nas roças de cacau da Africa portuguesa** — *Cadbury* (*William A.*). Trad. de Alfredo H. da Silva. 1910. Porto.

171 — **Cacau (O) de S. Tomé — Resposta ao relatório da Missão de Cadbury, Burtt e Swan nas Provincias de S. Tomé e Principe e de Angola em 1908** — 1910. Lisboa.

172 — **Cacau (O) de S. Tomé. Resposta dos Agricultores da provincia de S. Tomé e Principe ao relatório do inquérito mandado fazer pelos industriais ingleses M. M. Cadbury, Fry, Rowntree e Stollwerk às condições do trabalho indigena nas Colónias Portuguesas** — 1907. Lisboa.

173 — **Mão (A) de obra em S. Tomé e Principe** — *Mantero* (*Francisco*). 1910. Lisboa.

174 — **Portuguese Planters and British Humanitarians. The Case for S. Tomé** — *Mantero* (*Francisco*). 1911. Lisboa.

175 — **S. Tomé — The native Work-Legitimate defence** — 1908. Lisboa. S. G. L.

176 — **Ilha (A) de S. Tomé e o trabalho indigena (separata)** — 1907. Lisboa. R. P. C. M.

177 — **Tradução do relatório sôbre o trabalho em S. Tomé e Principe** — *Freire de Andrade* (*A.*). 1912. Lisboa.

178 — **Relatório sôbre as condições dos serviçais negros, empregados nas plantações de cacau de S. Tomé e Principe e os modos de os obter em Angola** — Lisboa. s. d. (1907?)

179 — **Nouveaux documents sur la main d'oeuvre à S. Tomé et à ile du Prince** — 1910. Lisboa.

180 — **S. Tomé e Principe — Protesto apresentado pelo Centro Colonial de Lisboa ao Secretário Geral do Office de la paix em Berne** — 1910. Lisboa.

181 — **Sociedade de emigração para S. Tomé e Principe — Relatório da Direcção — 2.º ano — 1914** — Lisboa. s. d.

182 — **Relatório da Sociedade de emigração para S. Tomé e Principe — 4.º ano — 1916** — Lisboa. s. d.

183 — **Documents sur le main d'oeuvre à S. Tomé et a l'Ile du Prince** — 1912.

184 — **Nouveaux documents sur la main d'oeuvre a S. Tomé et à l'Ile du Prince. Réponse aux accusations contre le Portugal** — 1913. Berne.

185 — **Trabalho indigena (publicação da Curadoria Geral** — 1917. S. Tomé.

186 — **Ilha (A) de S. Tomé e a roça «Agua Izé»** — *Sousa e Faro* (*Conde de*). 1908. Lis-
187 — **Familia (Uma) ilustre. Visconde Malanza** *Ferreira Ribeiro* (*Manuel*). 1901. Lisboa.
188 — **Primeiro Barão d'Agua Izé João Maria de Sousa e Almeida e seu filho Visconde de Malanza** — *Ferreira Ribeiro* (*Manuel*). 1901. Lisboa.
189 — **Ilha (A) de S. Tomé e o Visconde de Malanza** — *Ferreira Ribeiro* (*Manuel*). 1904. Lisboa.
190 — **Roça (A) «Boa Entrada»** — *Mendonça* (*Henrique José Monteiro de*) *e outros*. 1906. Lisboa.
191 — **S. Tomé e a Roça Boa Entrada** — *Sousa e Faro* (*Conde de*).
192 — **Boa (The) Entrada Plantations — S. Thomé Portuguese West Africa. (La perle des Colonies portugaises)** — *Wyllie* (*J. V.*). Translated from the original portuguese. 1907. Lisbon.
193 — **Sôbre a questão do cacau** — 1908. Lisboa. S. G. L. in Bol. Série 26.ª, pag. 397. Trad. de «Gordian».
194 — **Evolução (A) de S. Tomé e Principe** — *Dias* (*Edmundo A.*). 1929. Lisboa. A. G. C. in Bol. XLIII.
195 — **Présent (Le) et l'avenir des colonies portugaises** — *Ribeiro* (*Augusto*).
196 — **Como foi feita a provincia de S. Tomé e Principe — Os caminhos para o futuro** — *Rato* (*José Duarte Junqueira*). 1929. Lisboa. A. G. C. in Bol. XLIII.
197 — **Espansione (L') Politica e Coloniale Portoghese con speciale riguardo alle Isole de S. Tomé e Principe** — *Velarde* (*António de Mantero*). 1925. Roma. Instituto de Cristovão Colombo.
198 — **Pela colónia de S. Tomé — Documentos e critica** — *Babo* (*Carlos*). 1914. Lisboa.
199 — **Documentos dos serviços prestados em onze anos nas colónias de Macau, S. Tomé e Moçambique** — *Dias de Carvalho* (*Henrique Augusto*). 1878. Lisboa.

Notação das abreviaturas empregadas:

A. C. — Arquivo das Colónias.
A. G. C. — Agência Geral das Colónias.
A. S. N. — Anais de Ciências Naturais.
A. W. — The African World.
B. I. E. S. — Bureau des Institutions Économiques et Sociales.
C. N. H. G. N. U. — Colecção de notícias para a história das grandes nações ultramarinas.
C. F. — Gazeta de Farmacia.
J. S. M. P. N. — Jornal das Sciencias Matematicas, Phisicas e Naturaes.
L. S. P. — Linnean Soc. Proccinding.
M. H. N. — Mus. d'hist. nat.
M. U. — Memórias do Ultramar.
M. U. M. — Memorial Ultramarino e Marítimo.
N. A. M. S. — Nouvelles Arquives des Missions Scientifiques.
P. A. — Portugal em África.
P. G. M. — Patermans Geogr. Mitterlungen.
R. C. P. A. — Revista de Chimica Pura e Aplicada.
R. P. C. M. — Revista Portuguesa Colonial e Marítima.
S. B. — Soc. Broteria.
S. G. L. — Soc. Geografia de Lisboa.
S. P. S. N. — Soc. Port. de Sciencias Naturais.

F L O R Ê N C I O   J . S . P I R E S

N O T A

As gravuras publicadas no presente número, são a reprodução dos desenhos originais da autoria de um artista de S. Tomé, que se apelida de «o curioso Pascoal Viegas».

A publicação dêstes desenhos, amàvelmente cedidos pelo Sr. Dr. Carlos Sampaio, tem um alto interêsse para a documentação e história da arte indígena das colónias portuguesas.

Ingenuidade, graça, humorismo flagrante, certo sentido do colorido, são qualidades que superam nestes desenhos as possíveis insuficiências de falta de técnica consagrada, de **canons** estabelecidos, que o artista indígena desconhece. Vivem pela pureza de observação, pelo imprevisto e primitivo do seu conceito plástico, pelo carácter e expressão típica da sua factura.

Ao reproduzi-los, **O Mundo Português** tem a satisfação de arquivar, nas suas páginas, mais um belo espécime da arte indígena portuguesa, prosseguindo, assim, na sua missão, que é já uma honrosa tradição desta revista, de divulgar uma arte, até há pouco, quási desconhecida dos estudiosos e do público da metrópole.

Por êste modo, **O Mundo Português** julga prestar um alto serviço às possibilidades de expansão da arte indígena, constituindo esta divulgação, por seu turno, uma nobre e elevada propaganda do Império Colonial Português.

LEGENDAS

DOS DESENHOS ORIGINAIS DO «CURIOSO PASCOAL VIEGAS», DA VILA DE SANTANA, S. TOMÉ

1 — Tricromia — Costumes indígenas de S. Tomé. Dansa original de S. Tomé, denominada «Dansa Congo».

Legendas das personagens: 1-capitão; 2-guias de frente; 3-contra-guias de frente; 4-guias do centro; 5-contra-guias de retaguarda; 6-guias de retaguarda; 7-anjos de cantar; 8-personagens masculino e feminino munidos de andas (o pé pau); 9-palhaços masculinos e femininos (bôbos) 10-Zugo-zugú, môço do feiticeiro; 11-feiticeiro; 12-rainha do algoz; 13-Lucifer; 14-algoz; 15-executantes.

2 — Teatro indígena de S. Tomé. Representação da tragédia do Marquez de Mântua (Tchilôly).

Legendas das personagens: 1-Imperador; 2-Ministro; 3-Secretário; 4-algoz; 5-sentinela; 6-Ganalão; 7-Imperatriz; 8-pagem da Imperatriz; 9-polícia; 10-cabo de polícia; 11-caixão da morte de Valdevino; 12-Capitão de Montalvão; 13-Reinaldos de Montalvão; 14-Beltrão; 15-Sibila; 16-Marquez de Mântua; 17-Hermilina; 18-Duque; 19-tocadores de pífaros e tambores.

3 — Costumes indígenas de S. Tomé. Dança original desta ilha, denominada «Sócópé».

Legendas das personagens: 1-presidente; 2-mestre de sala (nomeador); 3-presidenta; 4-organizadora do «Sócópé»; 5-guarda. Em último plano, vêm-se os executantes. Sentadas, no plano imediato, as «membras», que ostentam nos respectivos chapeus uma fita vermelha.

4 — Aspecto geral da Igreja da freguezia de Santana. Cerimónia do içar da bandeira da Senhora de Santana.

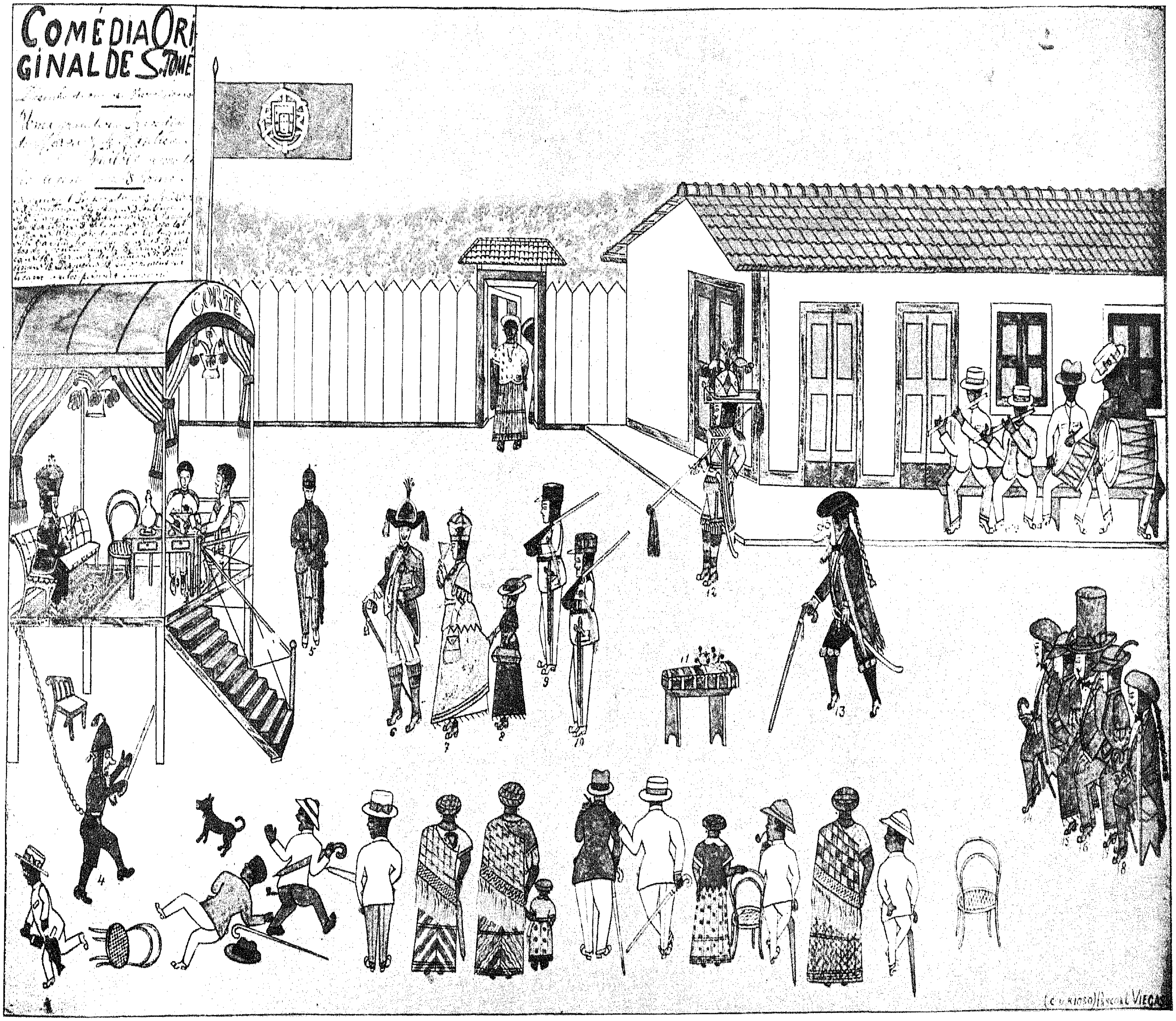
5 — Cortejo de carácter religioso organizado após a celebração de uma missa.

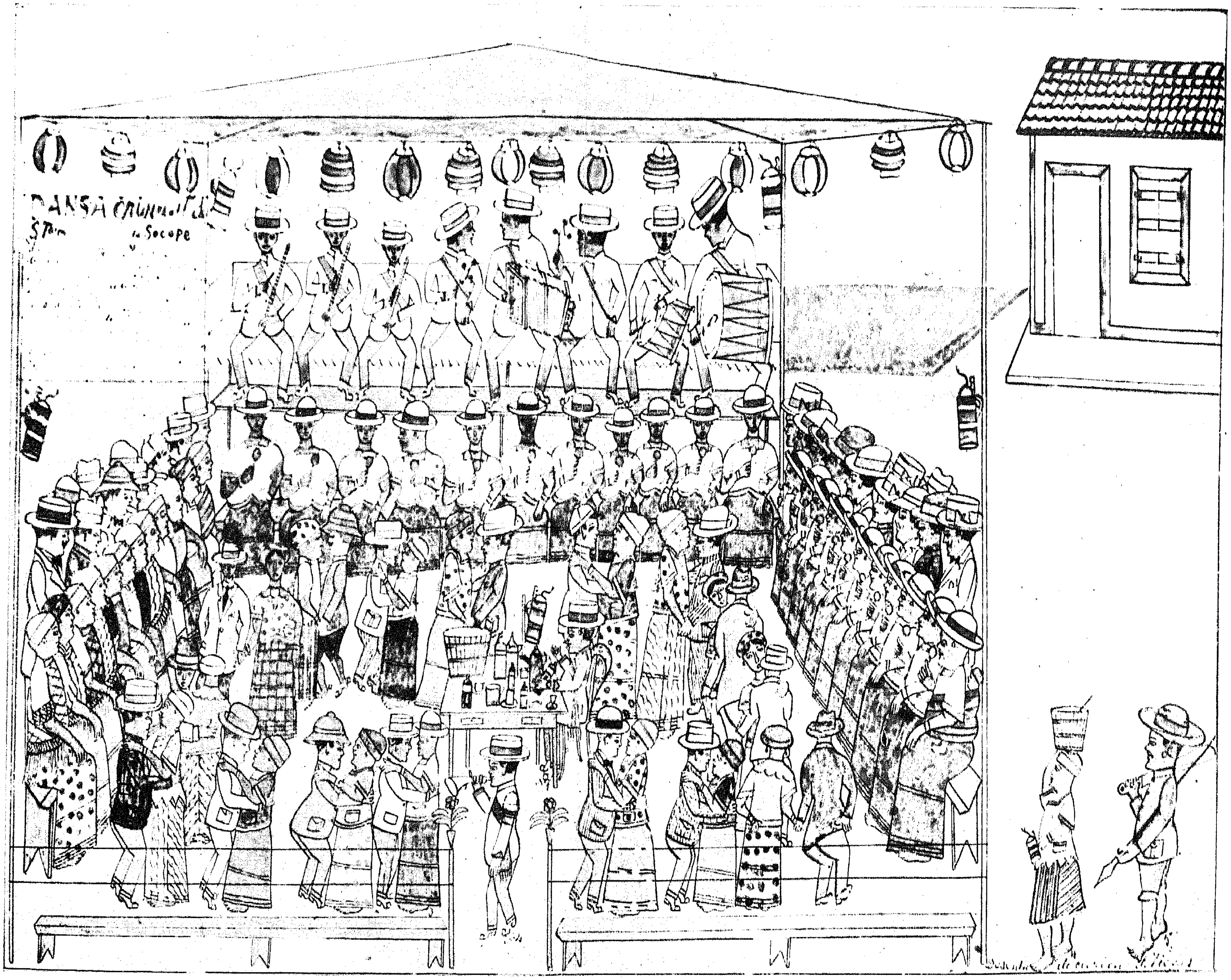
6 — Costumes indígenas de S. Tomé. Um cirurgião curandeiro (ou explicador da urina) examinando as urinas dos enfermos, processo indígena de determinar as várias doenças.

Legendas das personagens: 1-cirurgião; 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8-indivíduos que consultam o cirurgião; 9-mêsa onde se colocam os copos contendo as urinas; 10-ventosa; 11-vinhateiro; 12-bacia contendo o sangue extraído por meio de ventosas; 13-residência do cirurgião.

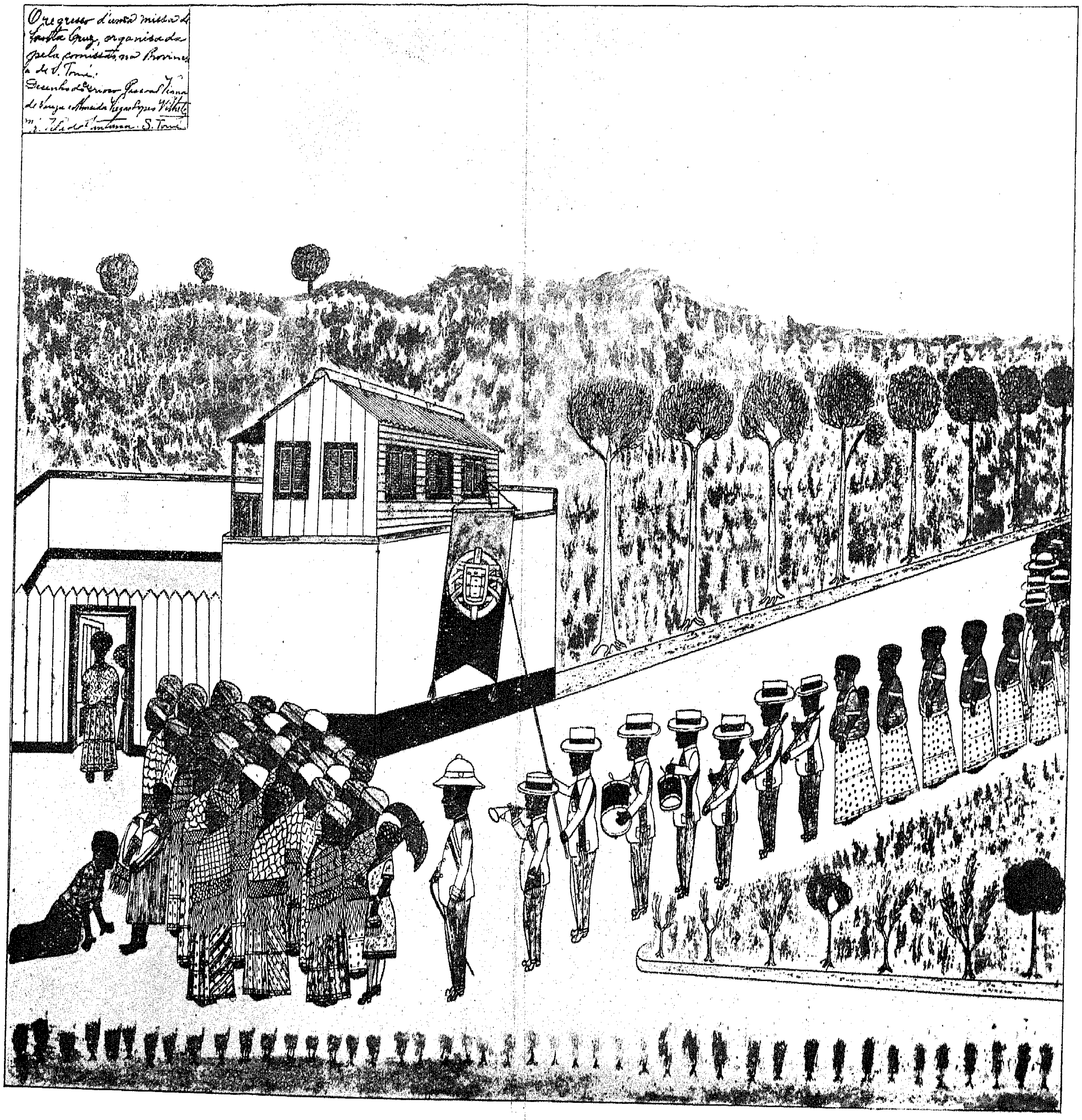
7 — Viagem aérea à África em 1928. A partida dos aviadores portugueses do campo de aviação de S. Tomé.

Dansa Origi-
nal de S.

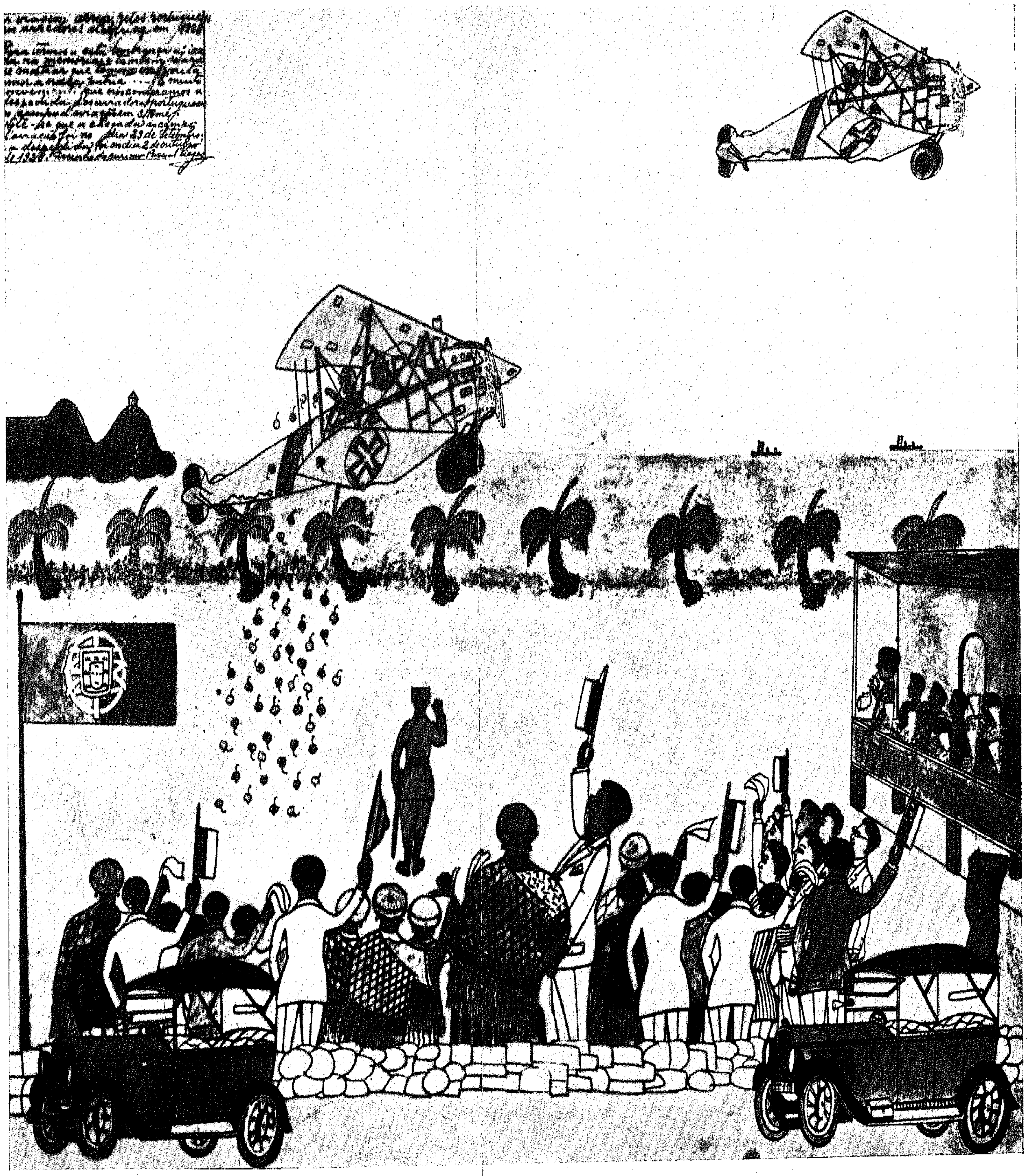

COMÉDIA ORIGINAL DE S. TOMÉ
CORTE


DANSA
Socope

O aspecto da Igreja da Freguesia
Em S. Tomé


O regresso d'uma missão de
Santa Cruz, organisada
pela commissão na Provinc
a de S. Tomé.

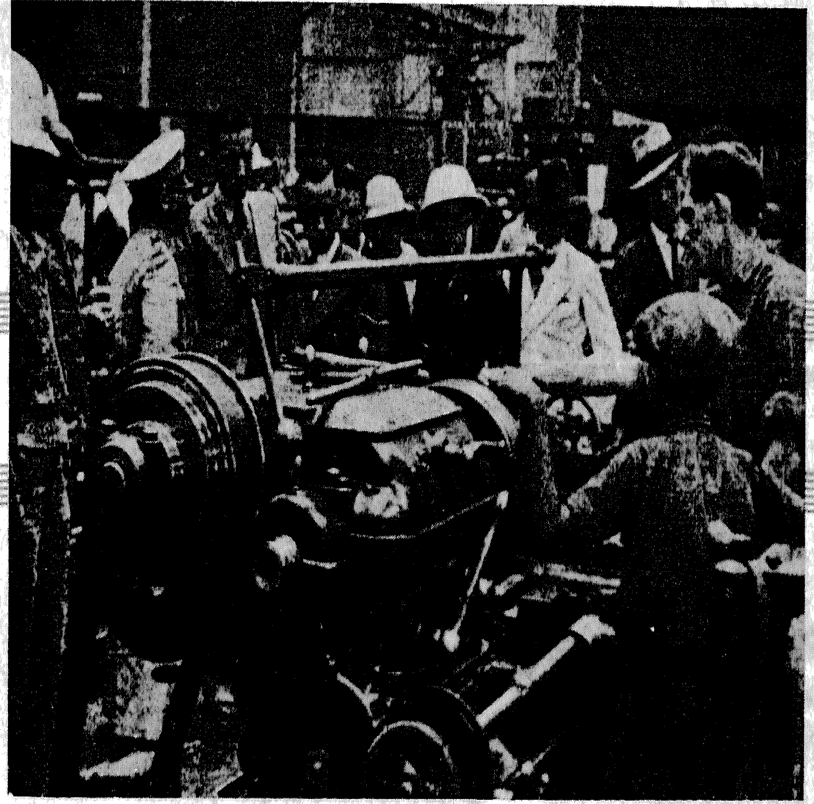
A forma de conhecer a
doença que o individuo
tem no seu corpo é por meio
da urina. A urina deita
da n'um copo muito bem lim
pinho. E a pessoa que exami
na chama-se o Cirurgião Cu
CURIOSO PASCOAL VIEGAS



CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA
L O B I T O

A mais curta estrada para a África Central.

Ligações da Katanga com a Europa.



Distância via Lobito comparada com via Beira:

Distância a favor da via Lobito: 578 milhas
por terra e 2 955 por mar. Total: 3.553 milhas

Distância via Lobito comparada com via Cape-Town:

Distância a favor da via Lobito: 1.269 milhas
por terra e 1,450 por mar. Total: 2.719 milhas

SÉDE EM LISBOA: LARGO DO QUINTELA, 3

COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELECTRICOS

FÁBRICA DE CARBONETO DE CÁLCIO

ESCRITÓRIO EM LISBOA:
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º

TELEGRS.: «ELECTROFORNOS»

TELEFONE 25343

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

ADMINISTRAÇÃO GERAL DO

PORTO DE LISBOA

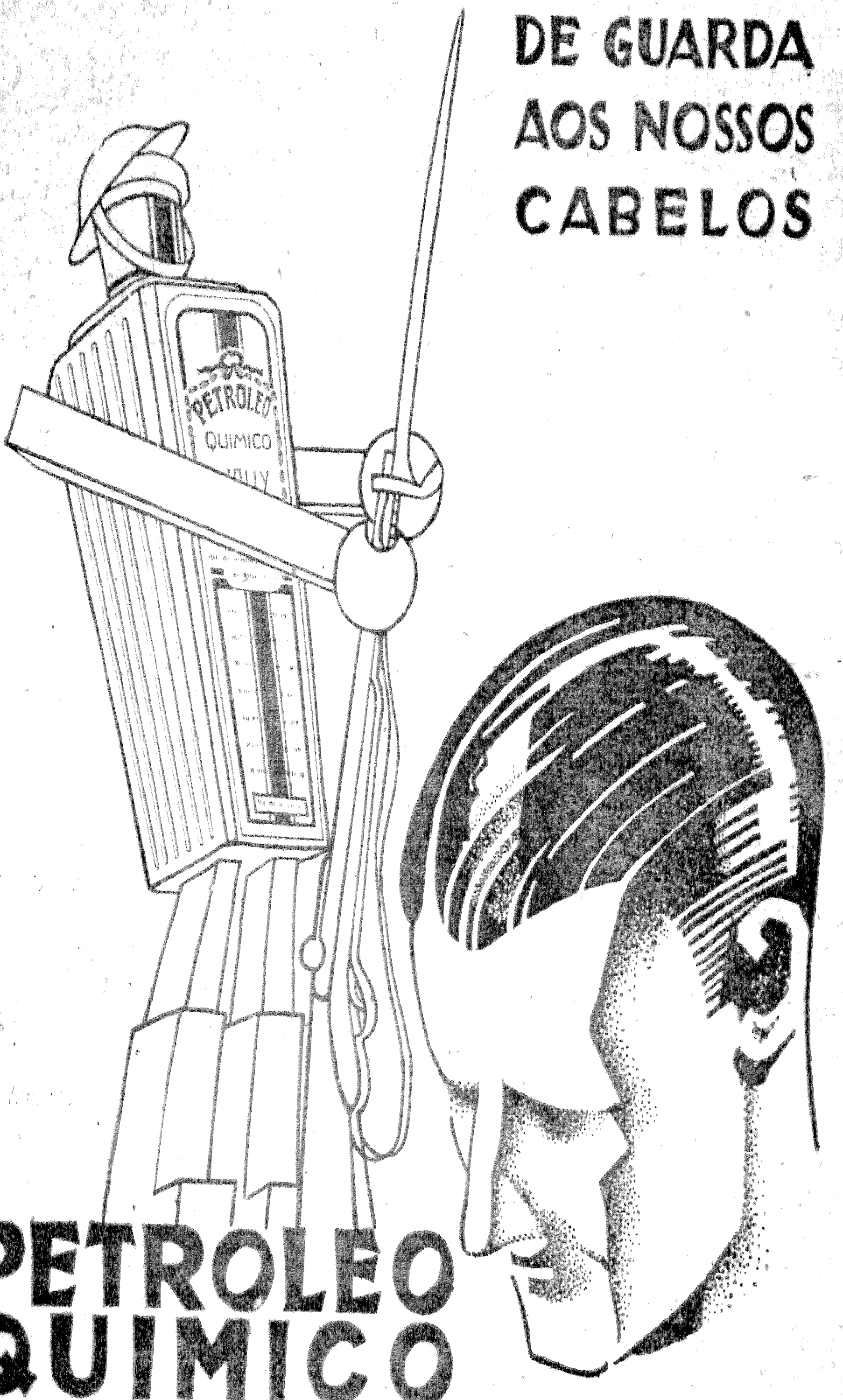
SÉDE - CAIS DO SODRÉ
TELEFONES 2 5001/3

AREAS — molhada 8.515 hectares — terrestre utilisável 1.967.682 ^{m2}, sendo 102.285 ^{m2} de área coberta. CAIS ACOSTAVEIS — Com 12^{km},255 (cérca de 1^{km} em construção). Rapidez, economia e facilidades para tôdas as operações de mercadorias e passageiros. VIAS FÉRREAS — Cérca de 22^{km} de comprimento nos entrepostos e cais, ligadas à rede ferroviária do País. DOCAS DE ABRIGO — Oito (duas em construção) com 450.000^{m2} de área molhada total. CARREIRAS DE CONSTRUÇÃO — Duas, respectivamente com 120 e 150^{m} de comprimento. OFICINAS DE CONSTRUÇÃO NAVAL — Oficinas de construção e reparação de navios, convenientemente apetrechadas. DOCAS SECAS — Cinco, cujos comprimentos vão de 42 a 180^{m}. WARRANTS — Facilidades para o comércio pela emissão de Warrants que mobilisam a mercadoria, permitindo assim realisar de pronto a maior parte do seu valor e esperar melhor oportunidade para a sua venda, alargando o comerciante por esta forma os seus negócios. MATERIAL MARÍTIMO — Rebocadores, dragas, barcas de água e batelões diversos, em número conveniente para os serviços do porto. GUINDASTES — Hidraulicos, a vapor e electricos, terrestres e flutuantes, potência elevatória até 100.000^{kg}

NOTA — O MINISTÉRIO DA MARINHA E ENTIDADES PARTICULARES TAMBÉM POSSUEM OFICINAS, DOCAS SECAS E MATERIAL MARÍTIMO DIVERSO

A SENTINELA

QUE ESTÁ DE GUARDA AOS NOSSOS CABELOS



PETROLEO QUIMICO NALLY

15$

DE

GARRAFAS

É o consumo anual
das afamadas águas
minerais de

Vidago
Pedras Salgadas
Sabroso Melgaço

◆

À VENDA EM TODA A PARTE

Um cálice de

Porto

depressa desanuvia os rostos sombrios...

Bebe-se uma chavena de chá por complacencia ou um licôr para ser agradavel, mas nunca se fica indiferente perante um calice de Porto.

O Vinho do Porto tem grandes virtudes... É um vinho cheio de nobresa, que nos pôe o coração em festa e nos conforta com o seu calôr suave e benéfico.

Como todos os verdadeiros amadores de Porto conserve-se jovem e mantenha sempre um optimismo sorridente...

Confie a sua bôa disposição e a sua saude... ao bom Vinho Velho do Porto.

INFORMADOR

COMERCIAL E INDUSTRIAL

«O Mundo Português» chama a atenção dos seus leitores p.ª as páginas de informação permanente que, numa rápida consulta, lhes proporcionam o conhecimento das casas que lhes interessam para as suas transacções da vida cotidiana.

Banco **de Angola** — R. da Prata, N.º 10-22. Banco Emissor de Angola. Todas as transacções bancárias

Papéis Os melhores do mercado são os da Companhia do Papel do Prado!... Fábricas no Prado, Louzã, Albergaria-a-Velha. Escritórios: Rua dos Fanqueiros, 270-278 / Lisboa

Companhia **Colonial de Navegação** - Carreiras rápidas para as Colónias Portuguesas. Rua Instituto Virgílio Machado, 14 / Lisboa

Companhia **Nacional de Navegação** - Carreiras rápidas para as colónias da Africa Oriental e Ocidental Portuguesa. R. do Comércio, 85 / Telef. 23021 / Lisboa.

Chapéus de feltro merino e lã grossa. — Fabrico especial de «A Social» de Francisco Leite Soares de Rezende / Arrifana. Vale do Vouga / Telefone 55

Chapéus e feltros para senhoras e homens. Nunes da Cunha & C.ª, Limitada. Rua Oliveira Júnior / S. João da Madeira. Endereço Telegr.: «Condestável» / Telefone: 42

Comércio **Geral** — A. Henriques & C.ª, Limitada. Rua Oliveira Júnior / S. João da Madeira. Endereço Telegráfico: «Fabtriunfo» / Telefone 25

Côlchas e atoalhados da Fábr. de Tecidos de S. Miguel, são os que mais garantias oferecem. Pedidos a Aristeu, Lopes & Oliveira, Lda. / Guimarães / Telefone 23

Ourivesaria **Aliança** / Celestino da Motta Mesquita. Oficina de Ourivesaria, Joalharia, Pratarias cinzeladas, etc. / R. das Flores, 191 a 211 / Tel. 1541 / Teleg. «Joias» / Pôrto

Telha e Tijolos de todas as qualidades. Vendem: Companhia Cerâmica das Devezas / Telefone 252 VILA NOVA DE GAIA

Lusalite. Fibro-cimento nacional. Chapas Onduladas e Lisas. Tubos para todos os serviços. Corporação Mercantil Portuguesa, Lda. — Rua do Alecrim, 10 — Lisboa.

A Sedaria de M. Alves Ribeiro em Cta. Fábrica de tecidos de seda. Rua Anibal Patrício, 410 Porto Telefone 1533

Artigos **Fotográficos.** Tudo para fotografia e cinematografia. Trabalhos para amadores. Películas e chapas Perutz. Enviam-se catálogos. ROIZ, LDA. R. Nova do Almada, 84 — Telef. 24670 — Lisboa.

Casa Africana R. Augusta — Lisboa. R. 31 de Janeiro-Porto. Tecidos - Malhas para Senhoras - Alfaiataria de Homens e Rapazes - Malhas e Meias, etc. - Tudo para vestuário. :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::

Fábrica das Antas Rua da Vigorosa, 654-Porto. Telefone 972. As maiores instalações do país para o fabrico de arame farpado e rede de arame. Malhas de ferro para cimento armado e estuques. Pregaria, etc.

Sociedade **Comercial A. Freitas & Gameiro, Lda.** — Engenharia. Armamento e Munições // Material aeronáutico. Séde social — Rua do Arsenal, 148, 2.º Telefone 26245 — Lisboa — Teleg. Torpedo

A Alumínia, Lda. Rua da Pasteleira, 219 — Porto. Telefone 21 - Foz. Fundada em 1902. Louça de alumínio. A mais económica. A mais higiénica. Marca «TREVO» : : : : : : : : : : : :

Fosforeira **Portuguesa.** Séde / Lisboa Rua Garrett, 62. Fósforos para consumo nacional e coloniais. (fósforos de exportação) // Fábrica em Espinho. Delegação / Porto / Avenida dos Aliados, 9, 1.º